



Para Sempre

VOL. VII

CONTOS E POEMAS DE
AMIZADE E AMOR

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

**Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura**

ISBN: 978-65-01-53145-8

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- AGORA, SÓ DEIXEM FLUIR, POR ALEXANDRE FLEURY, PÁG. 05
- LÍRIOS E SAULO: ENTRE O QUERER, A ILUSÃO E O AMOR, POR ALINE DE ANDRADE SOUZA FREITAS, PÁG. 10
- MI LEVE, POR ANA CARVALHO, PÁG. 14
- SONHOS AFETIVOS, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 19
- INTIMIDADE, POR BARBIE DOG, PÁG. 21
- LAÇO FRATERNAL, POR DEBORA GUELMANN, PÁG. 24
- QUANDO TE VI, POR FÁBIO LUZ, PÁG. 26
- AMIZADE, POR JOANA LEMOS, PÁG. 28
- A VIAJANTE DO TEMPO, POR KAUÃ BARROS, PÁG. 30
- A FLOR QUE NÃO COLHI, POR LUCAS DOS SANTOS CARNEIRO, PÁG. 32
- MANIFESTO DO AMOR DESMEDIDO, POR LUIZA P. V. TOSTES, PÁG. 34
- BELAS AMIZADES, POR MARGARIDA FEITOZA, PÁG. 37
- DISFARCE, POR PAMELA MONTEIRO, PÁG. 40
- DESEJO, POR PAMELA MONTEIRO, PÁG. 43
- INTENSIDADE, POR PAMELA MONTEIRO, PÁG. 45
- MOMENTOS, POR PAMELA MONTEIRO, PÁG. 47
- SOLIDÃO, POR PAMELA MONTEIRO, PÁG. 49
- CARTOGRAFIAS DO INAPREENSÍVEL, POR PSYCHOTIC SURGE - @BOMBOOKSURGE, PÁG. 51
- ALÉM-MAR DIGITAL, POR PSYCHOTIC SURGE - @BOMBOOKSURGE, PÁG. 54
- ÉPICA DO REENCONTRO, POR PSYCHOTIC SURGE - @BOMBOOKSURGE, PÁG. 57
- DOIS ALÉM-MAR, POR PSYCHOTIC SURGE - @BOMBOOKSURGE, PÁG. 61
- RECONFIGURAÇÃO UTÓPICA, POR PSYCHOTIC SURGE - @BOMBOOKSURGE, PÁG. 64
- AMIZADE QUE PERDURA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 67
- AMORES E FERIDAS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 69
- LENG LENG E KEI KEI, POR SELMA LUANNY, PÁG. 71
- AMOR E BRINCADEIRAS, POR SELMA LUANNY, PÁG. 73
- ROSA DOS TEMPOS, POR SHEILA SACKS, PÁG. 75
- HISTÓRIAS EM SALVADOR, POR SIMONE MARYA DE MOURA, PÁG. 80
- LEMBROU DE ESQUECER, POR VALERIA PAGANI, PÁG. 84
- PARA SEMPRE, POR VERA RIBEIRO, PÁG. 89
- CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 92

Para Sempre

VOL. VII

CONTOS E POEMAS DE
AMIZADE E AMOR

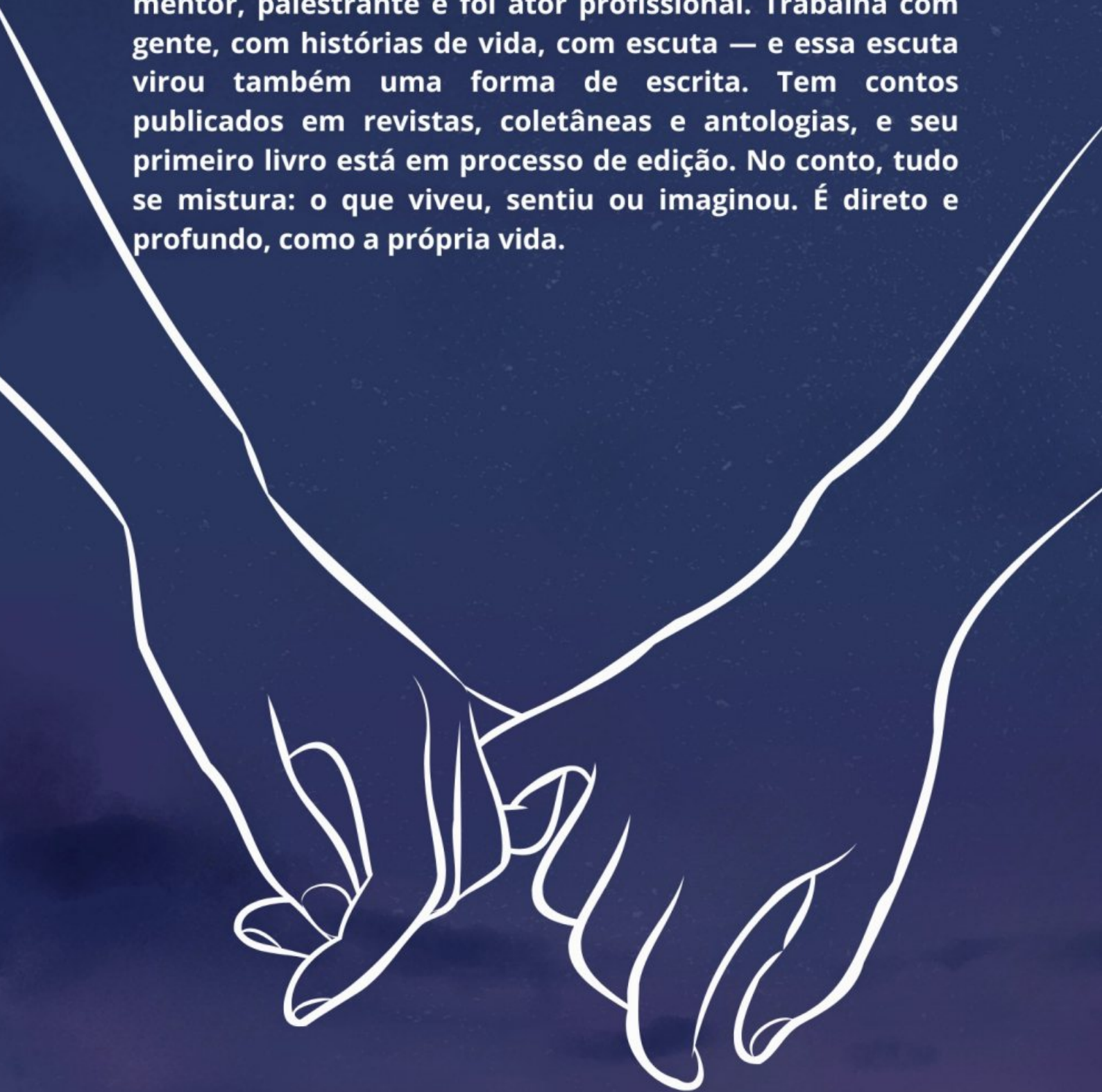
ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

APRESENTAMOS O CONTO

Agora, só deixem fluir

Por Alexandre Fleury

Alexandre Fleury escreve contos porque sempre gostou de observar — a vida e a si mesmo. Cresceu em Curitiba e hoje vive em São Paulo. É psicólogo, executivo de RH, mentor, palestrante e foi ator profissional. Trabalha com gente, com histórias de vida, com escuta — e essa escuta virou também uma forma de escrita. Tem contos publicados em revistas, coletâneas e antologias, e seu primeiro livro está em processo de edição. No conto, tudo se mistura: o que viveu, sentiu ou imaginou. É direto e profundo, como a própria vida.



Todos os dias, corre. Às vezes, para fugir de quem não quer encarar. Outras, em volta do lago.

Na maioria, de si mesmo.

Recentemente, terminou um relacionamento de muitos anos — e ainda vive o luto de uma perda que os outros enxergam como libertação.

— Você deveria parar de choramingar, investir na corrida, ficar ainda mais lindo e entrar num aplicativo de encontros — diz Marcelo, seu amigo desde a infância.

— Santiago, meu filho... como está? Estou preocupada, pois não me liga há dois dias. Ainda triste? Vem me ver — sussurra sua mãe em uma mensagem de voz.

— Chega! — ordena Matilde ao entrar em sua casa e escancarar as janelas.

Ela é a irmã mais velha e cuida do irmão como cuida dos filhos adolescentes: com amor e limite.

Dois meses após o rompimento, e cercado por pessoas que se importam com ele, Santiago encara o espelho da vida.

Aparece no almoço de domingo com a família, empunhando um vinho verde.

Os familiares pareciam ter combinado de não mencionar o nome do ex. Um alívio para o peito.

Marcelo chega atrasado. Apesar de ser amigo, é considerado da família — e muito querido por todos.

Com a mesa já completa, Lucinha aparece com o famoso bacalhau à Braga, e Afonso com os acompanhamentos.

Os pais de Santiago estão casados há cinquenta anos. Se conheceram aos dezoito, de forma quase cinematográfica.

Famoso por ser distraído, o pai de Lucinha passou no sinal vermelho e bateu no carro do pai de Afonso. Ninguém se machucou. Mas os olhares e suspiros que seguiram foram o verdadeiro sinal: o imprevisto estava ali para construir algo avassalador.

Todos satisfeitos, começam a se organizar: a arrumação da louça e a espera pela sobremesa — o famoso Pudim Abade de Priscos. Preparado pela Avó Maria, com generosas quantidades de gemas de ovo, açúcar, toucinho — sim, toucinho — e aromatizado com raspas de limão, canela e vinho do Porto.

Após o almoço, o café é servido na sala de estar, entre conversas e os preparativos para a festa de bodas de ouro de Lucinha e Afonso.

Santiago observa os pais, lado a lado, mãos entrelaçadas, escolhendo flores, o cardápio de comidas e bebidas. Uma sintonia e conexão que ele nunca experimentou.

Se pergunta quando foi a última vez que amou alguém por inteiro. A resposta não chega.

Sua mãe propõe que, na comemoração, toda a família os acompanhe na valsa — inclusive os netos, que são os primeiros a aprovarem a ideia.

Santiago parece ser o único a não concordar. Talvez se sinta desconfortável.

— Muito bacana a ideia, mas... com quem eu vou dançar?

A família, em coro, responde:

— Com o Marcelo.

Os amigos se olham e começam a rir.

Percebendo a seriedade da indicação, os dois recorrem a frágeis desculpas para desencorajar a ideia.

— Meninos, já está decidido — ordena Afonso.

— Gente, fico superfeliz com o convite, mas tenho pés estrábicos para qualquer ritmo.

— Isso é verdade — concorda Santiago, com um sorriso.

— Então façam aulas — conclui Lucinha, como quem fecha um contrato.

Passada uma semana, já matriculados, encontram-se para a primeira aula, na escola de dança de Madame Suzette.

Santiago e Marcelo são os mais novos da turma. Seus colegas aparentam ter a idade de seus pais — e os acolhem com carinho.

Recebem as coordenadas iniciais e percebem, sem precisar dizer, que será a primeira vez, depois de tantos anos de amizade, que tocarão as mãos e aproximarão seus corpos.

Santiago está nervoso, sem entender bem o porquê. Marcelo sente-se curioso.

A música invade o ambiente e os casais, animados, deslizam pelo amplo salão.

Os amigos, desajeitados, olham para os lados — as mãos timidamente sobrepostas, os corpos ainda distantes.

— *Mes chéris*, postura! Deixem fluir — instrui Madame Suzette, com um toque teatral.

Com o nervosismo inicial superado, aos poucos ganham confiança, apoiados pelas dicas dos colegas e pela experiência da professora.

Na segunda música, algo inesperado acontece.

Santiago foca nos espelhos que margeiam a sala, e o reflexo dele com o amigo lembra os filmes de comédia romântica que tantas vezes assistiram juntos.

Marcelo, agora conduzindo os movimentos, sente um calor percorrer o corpo com o toque da mão de Santiago em sua cintura.

Os pelos dos braços se arrepiam, enquanto os olhos do amigo encontram os seus.

Santiago sente algo diferente: desejo.

Algo que jamais imaginou — afinal, com o tempo, a amizade entre eles havia assumido o lugar seguro de uma relação quase familiar, como a de primos.

Com o sentimento de desafio cumprido, estendem a noite para um café.

Entre risadas sobre a atuação desajeitada na aula e a condução magistral de Madame Suzette, Santiago está inquieto.

Observa os movimentos dos lábios de Marcelo, mas não escuta as palavras.

Percorre o rosto do amigo com os olhos, como se o enxergasse pela primeira vez.

Ao despertar desse transe silencioso, levanta-se abruptamente:

— Preciso voltar pra casa... tenho treino cedo amanhã.

Frustrado com a despedida, Marcelo propõe dividirem um táxi.

No percurso, de forma intencional — buscando respostas para suas sensações — Marcelo encosta a mão na de Santiago, que permite, mesmo nervoso.

O toque avança para o encontro dos dedos, como se brincassem de pique-esconde.

O motorista para em frente ao prédio de Marcelo, que não faz esforço para sair do carro.

Ao abrir a porta, volta-se para Santiago e pergunta:

— Não quer subir?

Sem responder, Santiago apenas desce do táxi.

Marcelo enfrenta dificuldade para abrir a porta do apartamento — as mãos estão trêmulas.

Ao entrar, acende a luz enquanto Santiago fecha a porta.

Ficam parados, um de frente para o outro.

— O que está rolando?

— Não sei, Ma.

Os olhos de Marcelo invadem os de Santiago e desabrocham silenciosas declarações. Um encontro inevitável.

Um impulso surge.

Como quem tem pressa, seus corpos se encontram num abraço apertado e profundo.

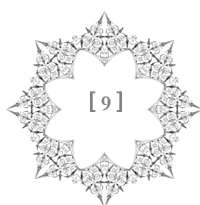
O rosto de Marcelo apoia-se no ombro de Santiago — e assim permanece.

Cercado de ternura, o momento também aguça outras partes do corpo.

Em um movimento quase coreografado, seus lábios se tocam.

Devagar.

Sentindo a superfície um do outro, como se sempre se pertencessem, Santiago já não pensa mais em correr.



APRESENTAMOS O CONTO

Lírios e Saulo: entre o querer, a ilusão e o amor

Por Aline de Andrade Souza Freitas

Aline de Andrade Souza Freitas nasceu em Mamanguape, município da Paraíba em 09/02/1986, filha de Miriam de Andrade Souza Freitas e Manuel do Nascimento Freitas. Tem graduação em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba e foi na adolescência que teve o interesse maior pela literatura e filmes românticos. Hoje, atua como assistente social e iniciou A graduação em Letras pela UNIFAHE.



Tudo começou quando eu, Lírios, uma menina- mulher de baixa estatura, cabelos ora lisos ora cacheados, com um corpo fora do padrão e pele negra, entrei em um restaurante para almoçar e percebi sendo olhada por um homem que a princípio não o achava tão lindo. Era um dia como outro qualquer, contudo, não estava no meu melhor momento, vivia períodos de ansiedade e angústia terríveis. Não entendia o que ocorria comigo, no entanto, estava sendo fechado um quadro clínico de Transtorno de ansiedade generalizada e naquele dia que o notei pela primeira vez algo em mim aconteceu. Passaram-se os dias e comecei observa-lo mais detalhadamente e vi que ele trabalhava bem próximo ao restaurante, em uma Instituição financeira. Saulo é o seu nome e apenas soube, pois, ao me dirigir para a fila do caixa, li em seu cartão de crédito e em seu crachá da empresa. Ele com seus cabelos castanhos de tamanho médio e uma linda cor branca que se destacava entre os demais. A princípio demonstrava timidez, porém, conseguia almoçar próximo a minha mesa. O dialogo verbal era zero, mas, emocionalmente a cada encontro silencioso meu coração batia mais forte e muitas vezes a euforia tomava conta de mim. Comecei a ir ao seu trabalho para sacar dinheiro no intuito de vê-lo, e quando eu me deparava com ele, a alegria tomava conta do meu ser e lembro perfeitamente que era o meu melhor momento do dia, tendo em vista, as angustias que pairava no meu coração.

No intuito de vencer o medo de uma aproximação fiz uma carta dizendo o que achava dele, e ao final coloquei meu número do meu WhatsApp caso ele quisesse falar comigo. Fiz a primeira tentativa, a segunda e cheguei até ficar com a carta nas mãos bem perto dele, porém, o medo falou mais forte, em fim não consegui. Fiquei fazendo diversas buscas nas redes sociais e depois de muito tentar, o achei. Pronto! As minhas mãos começaram a ficar geladas e a ansiedade aflorou com fortes batimentos cardíacos e uma sensação que eu nunca iria conseguir solicitar uma amizade, mas, consegui e ele aceitou. Vou descrever esse momento— foi como de alguma forma o sentisse me abraçando e dizendo: Aqui estou, Lírios. Sim, ele sabia meu nome e foi através de um atendimento bancário que tive a chance de ser com ele. Depois de tê-lo na minha rede social olhei suas publicações, fotos e descobri que ele é bem diferente que eu pensei. Saulo tem uma linda filha, gosta de rock, é uma pessoa que gosta de estar em família e é um apaixonado pelo sistema financeiro.

Em pleno domingo quando abri minha rede social ele estava on-line e foi então que escrevi um "bom dia" e perguntei como ele estava já que há dias não estava o vendo como

de costume. Ele me respondeu e também me questionou o motivo pelo qual estava me aproximando dele e falou: Lírios, você parece ser uma pessoa ótima, mas, eu não sou uma pessoa legal e você merece uma pessoa boa ao seu lado. Eu não entendi o motivo pelo qual ele quis que eu desistisse dele tão rápido e vou ser sincera, tudo ficou muito angustiante naquele momento. E pensei...o que fazer com esse sentimento, a quem devolver? Saulo, nossas interações foram poucas, mas o suficiente para que os nossos olhares pudessem demonstrar afeto e acolhimento.

Passaram-se os dias e percebi que ele passou a ir em outros restaurantes, algumas vezes coincidentemente nós nos encontramos, entretanto, não tinha coragem de encará-lo e isso era muito dolorido para mim. Tinha dias que ao sair do trabalho, meu coração palpitava e tinha certeza que eu ia vê-lo e realmente o via. E sempre era a mesma euforia, a mesma felicidade, contudo, ele passou a desviar seus olhos de mim e mesmo assim, consegui vê-lo um dia me olhando discretamente. Passei então a escrever textos falando da minha saudade, da minha incoerência em está pensando em um homem que provavelmente não está nem aí para mim. Foram vários e-mails, várias declarações de amor, várias vezes que de forma monóloga me desnudava para você em palavras e sentimentos.

O tempo nos separou, desativei minha rede social para não ficar no hábito de vê-lo com frequência, como também a Instituição financeira que trabalhava acabou fechando a agência e eu fiquei dias como que um luto tivesse se apoderado de mim. Aonde você está, Saulo? Como posso saber se estas bem? Aonde poderei ir para te encontrar? Minha voz ressoava e se perdia pelo mais profundo do meu ser. O que me restou foi escrever a cada vez que meu coração doía de saudade e essa dor era intensa.

Os anos se passaram, e mesmo me interessando por outros rostos, confesso que a saudade esteve sempre presente no meu coração. E ela é forte. E pode ter saudade por alguém que mal se conhece? Não sei se pode, mas, sinto. Sinto ele no meu coração como se houvesse uma ligação entre nós dois. E por mais inexplicável que possa ser, tê-lo dentro de mim é bom. Como foi especial cada encontro inesperado ou até mesmo planejado com você! A cada leve sorriso, olhares desencontrados propositalmente, a cada arrepio que sua presença me fazia sentir. Lembrar dele, é lembrar de um menino homem de sorriso encantador, de cabelos lisos e caídos pelo rosto, de uma pele branca como uma neve, de um olhar marcante, de um tipo magro totalmente diferente do meu. Saulo é

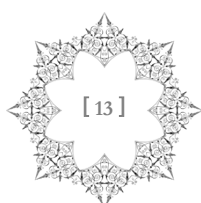
assim, entretanto, apenas tenho hoje sua ausência e ela dói, machuca e me faz questionar a magnitude desse sentimento no decorrer dos anos.

Embora sem resposta, esse sentimento perdura de forma leve e constante até hoje. Mas, algo mudou e foi em uma noite de chuva em pleno shopping quando escutei alguém me chamando e ao me virar era ele, sim, era Saulo. Fiquei muito apreensiva, mal podia entender no que estava acontecendo, minha voz quis ficar tremula, porém, eu respondi e ele perguntou-me como estava e convidou-me para tomar café juntos. Foi aí que conversamos por horas, pude conhece-lo melhor, conhecer um pouco da sua vida, dos seus dilemas e ele também a mim. E foi assim que tive a certeza que houve algo entre nós e pude entender que amar nem sempre é ter, mas também sentir. Voltamos a nos encontrar outro dia, agora em uma praia, no fim de tarde e depois de conversarmos muito ele perguntou se poderia me beijar e para mim foi um sonho realizado. O beijo dele é bom, é encantador e passados seis meses juntos ele me perguntou se poderia dar algo para mim e prontamente disse: Saulo, gostaria do seu colo, dos seu braço e abraços, de te sentir e depositar em você todo cansaço, todo meu amor, amor que há anos eu almejei, eu quero você, quero sentir esse cheiro teu que para mim é tudo, deixa-me ficar não só por mais seis meses e sim, por toda minha vida.

E foi assim que ficamos juntos e até hoje não me arrependo por tantos anos conservando-o no meu coração, por cada dor ocasionada pela saudade, por cada incoerência que esse sentimento demonstrava na minha vida.

Saulo eu te amo muito.!

Sua Lírios.



APRESENTAMOS O POEMA

Mi leve

Por Ana Carvalho

Baiãna, neurodivergente, mãe, avó de João Miguel. Professora - autora de Literatura e Artes, autora do Livro "Elas por Elas", coautora do livro "Clandestinos", autora de série de ensaios didáticos sobre Identidade Nacional.



O mundo parou de respirar
Era sério o que o escatológico
Viraria real, não era Tim Burton
Produzirá, Godard e sua câmera
Goya e seu Saturno
De pensar que o beijo era véspera do escarro
O medo era tão vivo que sentíamos sua face.
Homens finisseculares produziram guerra ideal
Sem guerra, fronts, vanguardas
Caminhões cuspiam vidas em ruas de pedra
Um grande hiato contra quimeras.
A guerra era higiene do mundo ?

Na minha frente, os tais olhos
Olhos que vi durante a minha vida inteira
Não sei se mar, maré, maresia
Não sei se Porto, perto, paragem
Não sei se serra prometida, o retiro para vida esperada
Coração gentil me deu
Mas eram horas de poucas amenidades
Vida em paradoxo
Arrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr

Respirei antes de Momo
Lembro-me do garçom que nos recebeu
Tudo era festa, alma em festa
Fazia sentido cada verso de Pessoa
A vida transigir sobre nós
Mercado, pão, cores, o ar, Laura?
Lembro da pele, poros, poeira alada da promessa,
Não tinha como convidado o medo
Se retira sozinho, quase estrelado

O medo sabe quando não é mais conveniente

Respiro oooooo

Advogo em sua causa, apresentou o Farol tão brilhante, praia, passeios,
Himeneu, algo que é relicário de quem tem amor, bem como força, amar
é intransitivo .

Na Europa, a bastilha caía sobre almas diante do banquete da
consequências

Sabíamos que chegaria aqui

O horror de cócoras

A vida perdendo a guerra

O mundo se preparando para o ar estocar sob máscaras

Nós estocando ar e tirando máscaras

Nosso amor paradoxo

Veio quando resistência era rito

Arrrrrrrrrr

Bendito seu nome

Seus olhos, sua mão forte

telas, girassóis, arrepios

Virei uma partitura de verão de Vivaldi

Estar ao seu lado, é estar de frente para tudo... se céu,sob,sol,
sinestésico

Tudo parado, medo, calcina, máscaras, olhos

Meu tálamo

Imparável, capta tudo

Capoto em minha existência

O amor aceita célere a travessia

Quando é amor, todas as árias da vida professam nada de dilema

Amar é calmo, quase toco nas matizes

Sinto a cor de Gogh, daria a minha vida todinha

Vivo o mundo no micro universo

Ligações intermináveis, nada fazia tanto sentido do que tê-las
Telas repletas de vida, amor, carinho
Você feita de déjà vous
Quase toco em outras existências

Tantos perdendo tantos
Nós ganhando tanto

Olhos, mãos, ar, janela
bola de ferro,
Mudança delivery
piano vienense
Lençóis de estrelas
O mesmo que
Iria embalar Marley
A travessia
A pirâmide
Pés rodando
Eu rodando
Sua tez
Espessura sagrada
O mundo não mais respira em falsete
Nós respiramos
Eles respiram

Nós suspiramos ainda em rebeldia
Amar há que se ter coragem
A passarola que nunca existiu, a não ser na frente de Saramago
Ela deu o sentido dos ventos
Âmbar de ventania
O ar vem e é forte
Respiro vibrante e sem um naco de raiva fomos dissidentes e amamos quando
nada lúdico sobreviveria

A vida se fazia sem odes

Você é minha ode:

Arrrrrrrrrrrrrrrrrr

ar respira, toda respiração vem do diafragma

.....

Parece que foi ontem

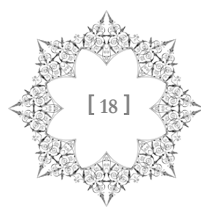
Mas nem tão ontem

Mas...

Fazem cinco anos

que nossas almas dissidentes respiram casadas.

Arrrrrrrrrrrrrrrrrr



APRESENTAMOS O POEMA

Sonhos afetivos

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



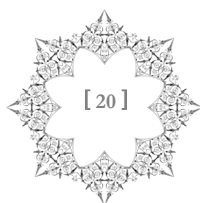
Sonhos afetivos que me sonham em meus quartos embutidos.

Enquanto dormia, enquanto me consumia em viver e padecer... com sonhos falsos e refesteladas lembranças dos dias de minhas mortes de andanças.

A vida está na própria morte e é a sua pior ferida.

A morte está na própria vida e é a sua melhor acolhida.

Não são as duas as magias que me sonham e me encantam e são elas, as duas, as melhores moradas que posso encontrar nas minhas vidas e calçadas de mortes ou escadas de vida ou de vidas alegres de existência; sem clemência no ser, só me resta padecer de vida dentro da morte de minha melhor acolhida.



APRESENTAMOS O POEMA

Intimidade

Por Barbie DOG

Sophia de Almeida Guimarães, Barbie DOG, é rapper, poeta e escritora. Sua escrita é focada em temas políticos, crime, terror psicológico e sobrenatural, religião, espiritualidade, filosofia, sociologia e sexualidade. Gosta sempre de trazer aspectos pessoais para as suas obras, sabedoria de vida, relatos, opiniões, e exemplos do cotidiano.



O que você quer de mim?

Amor ou amizade?

Eu prefiro algo além...

Intimidade!

Intimidade é o maior pilar,

Conseguir ser quem és...

Com a pessoa que você diz amar!

A conversa flui, não emperra...

Fazemos amor,

Mas também fazemos guerra!

Não preciso fingir que estou bem,

Não há dependência...

Nossa conexão vai além!

Nossas máscaras iremos remover...

O que irá sobrar, então?

Apenas o nosso ser!

Você me verá sem maquiagem,

Sem filtro, sem mentira, sem montagem...

Acordaremos juntos com hálito matinal,

Terá você nojo?

Saem fezes no sexo anal...

Minhas manias, meus vícios...

Não preciso fingir,

Não preciso esconder os indícios...

Suas manias, seus vícios, seus segredos...

Posará como macho?

Ou me contará os seus medos?

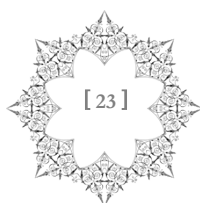
Tudo começa com a admiração,

Tenho curiosidade...

Mais do que isso, atração!
É impossível forçar a intimidade,
É energia, é deixar fluir...
Uma natural e leve amizade!
Não há necessidade de mentir...
Sorrir quando não quer sorrir!
Querer estar perto no pior dia,
Ser um porto, sem forçar alegria...
Sexo, carinho, respeito...
Por que você não deita no meu peito?
Podemos alternar o afeto,
Honestidade, lealdade, e papo reto!

Maturidade e Integridade,
São pilares necessários...
Para então, manter a intimidade.
Mais do que isso,
É necessário ter compatibilidade!
Sem isso, não flui, emperra...
Não há amizade, apenas guerra!

O que você quer de mim?
Amor ou amizade?
Eu prefiro algo além...
Intimidade!



APRESENTAMOS O POEMA

Laço fraternal

Por Debora Guelmann

Débora Guelmann, natural de Curitiba - Paraná, é radicada no Rio de Janeiro desde a infância.

Graduada em Letras (Português-Francês) pela PUC-RJ e em Literatura Francesa pela École Suisse Prealpina.

É uma leitora ávida, com grande interesse por histórias de vida.

Atualmente, dedica-se à escrita, participando de coletâneas poéticas e trazendo em sua produção a essência de um olhar sensível sobre o mundo.

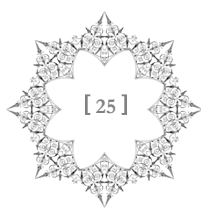


Nem toque, nem palavra,
talvez um sexto sentido.
Nem cor e cheiro, repara,
vem no ar, puro, despido.

Se o tempo nos afastar,
nossa conexão silente,
sem alarde há de ficar,
serena, sutil, presente.

A amizade não se mede,
é fio tênue que se alinha.
Feito rede, sol da tarde,
abraço mel que aninha.

Salve, laço fraternal,
mero detalhe, ó primor.
O que nos une, afinal,
é a incompletude do amor.



APRESENTAMOS O POEMA

Quando te vi

Por Fábio Luz

O autor é advogado, gaúcho de Novo Hamburgo, atuante há mais de 10 anos, tendo se graduado na Universidade Feevale no ano de 2014/2. Apaixonado por literatura, dos mais variados gêneros, sempre sonhou em escrever um livro, tendo feito alguns cursos de escrita criativa. Escreve contos e poemas, porém nenhum deles ainda publicado. Além da paixão por livros, também nutre por música (toca violão e é aprendiz de violinista), e por desenhos (sempre rabiscando alguma coisa).



A melhor lembrança que guardo
É o instante em que tua beleza
Invadiu minha retina,
Como o sol que, ao romper a aurora,
Ilumina a escuridão da noite.

Teu olhar, raio de luz serena,
Pintou em minha alma
Cores que jamais conheci.
Cada traço teu, cada gesto,
Gravou-se em mim como arte viva.

Desde então, mesmo de olhos fechados,
Vejo-te em cada sonho,
Em cada suspiro do vento,
Em cada silêncio que fala de ti.

Pois naquele momento primeiro,
Quando tua beleza tocou meus olhos,
Meu coração soube: a eternidade deste amor começa,
No breve instante de te ver.



APRESENTAMOS O POEMA

Amizade

Por Joana Lemos

Joana Angélica de Oliveira Lemos Ferreira, nascida em 1970 em Aracaju, Sergipe, professora formada em Letras Português e com pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado. Sempre demonstrou interesse por aprender, ensinar e a fazer poesias, tem experiência com artes cênicas e produção de textos teatrais. Uma mulher que ama a arte e poesia, uma mulher com muita fé em Deus, esposa, mãe de quatro filhos, que ama a vida, mesmo com todas as dificuldades, alegre e grata pelos dons e por tudo que a vida oferece.



Amigo é aquele que mesmo nos conhecendo
Sabendo das nossas histórias e realidades
Nos aceita como somos e diante
Das nossas dificuldades, nos ama de verdade

As pessoas se unem por laços de amizade
e laços de sangue não precisam ter
afeto, carinho, risos, conversas e lealdade
temos que dar valor para não perder

A amizade une almas e corações
Longe ou perto, ao tempo pode resistir
Há um certo sentimento de proteção
É algo maravilhoso de sentir

Como estrelas que estão sempre a brilhar
assim são os amigos que cultivamos
como uma flor precisamos sempre regar
porque muitas vezes são raros de encontrar



APRESENTAMOS O CONTO

A viajante do tempo

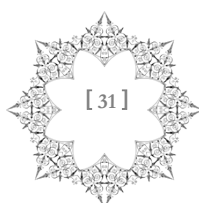
Por Kauã Barros

Aquela pessoa que gosta de escrever, cantar, ouvir música e estudar, essa com certeza sou eu, mas dizendo nos mínimos detalhes o esforço é aquilo que me define como pessoa, seja na rua ou em casa, sempre vou escrever.



Numa época em que só existia o amor ao dinheiro, uma menina sozinha e, ao mesmo tempo, muito aborrecida com a vida a qual lhe estava reservada, seu nome era Malia; seus pais, Rachel e Zion, residiam no Grajaú, Rio de Janeiro, e ambos eram cientistas o qual viviam sempre absorvidos e não lhe davam atenção. Sua vida toda foi imposta sob um manto do qual ficava difícil escapar, uma vez que residia sozinha e inexistia o apoio dos pais. Ela ia à escola e não tinha amigos ou sequer alguém na qual pudesse olhar por ela com um pouco de compaixão. Certo dia, seus pais a incluíram como parte de um experimento que visava retirar parte de seu DNA humano e injetá-lo em várias espécies de animais carnívoros, com o objetivo de alcançar a total evolução da espécie. Eles mentiram para ela, pensando apenas em seu próprio interesse, e a atraíram para dentro do porão de seu laboratório. Em vez de o esquema dar certo, ocorreram erros diversos. Malia acabou se tornando uma mutante/viajante do tempo, e seus pais acabaram morrendo no meio de tudo aquilo. O dia dela terminou em desgraça, tendo que enterrar aqueles a qual a criaram, mas isso lhe deu força de modo encontrar algo o qual lhe desse esperança em sua trajetória. Foi então que teve a ideia de viajar no tempo, com o intuito de salvar seus pais daquela tragédia catastrófica. Ela passou por inúmeras provações ao longo do caminho, temendo sua própria ruína.

Passou pelos remorsos, tristezas, solidão, dúvidas e ressentimentos, até mesmo pelas coisas inusitadas do caminho. No fim, ela descobriu que isso era impossível, uma vez o qual não podia mudar o passado. No entanto, ter noção da convivência com o passado durante toda a sua juventude é necessário, pois faz parte das nossas bases familiares, seja nas dores, alegrias e incertezas. Um abraço, uma palavra de carinho, afeto merecemos sempre, porém a longitude da fala vai além disso tudo. Pais erram e também acertam em uma linha vertical e a felicidade encontramos em qualquer momento.



APRESENTAMOS O POEMA

A flor que não colhi

Por Lucas dos Santos Carneiro

Lucas dos Santos Carneiro é casado com Wemilly Oliveira do Nascimento. É graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pertence à etnia Potiguara da Paraíba e reside na Aldeia Jaraguá, no município de Rio Tinto-PB. É apaixonado por literatura e poesia, e ama escrever poemas. Seu escritor favorito é Machado de Assis.



Oh bela flor, dentre todas do jardim, foste tu a que mais se destacou para mim. Com tua beleza e modéstia, conquistaste meu amor, teu perfume doce me encheu de calor.

Tuas cores fortes me fazem morrer de amores, por isso te peço: não vás, não me deixes em dores.

Que meu coração não venha a se despedaçar, fica, bela flor, a me encantar.

Oh bela flor, dentre todas do jardim, foste tu quem mais se destacou para mim. Com tua beleza e modéstia, conquistaste meu amor, e enfeitiçaste minha alma com teu esplendor.

No dia em que te vi, no meio daquele jardim, tive a certeza: queria-te junto a mim!

Ao me aproximar, percebi sem hesitar: não poderia jamais teu lar mudar. Teu lugar é ali, na liberdade a brilhar, entre outras flores, livre para dançar.

Oh bela flor, dentre todas do jardim, foste tu quem mais se destacou para mim. Tua beleza envolvente invadiu minha mente, ao ponto de eu já não saber o que seria da gente.

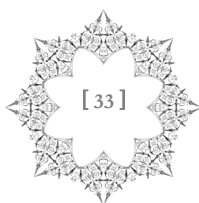
Ao contemplar-te no jardim, perco-me de mim, só penso em ti, e em teu cheiro carmesim.

Não poderia fazer nada para te arrancar, pois, se o fizesse, teu brilho iria apagar.

Oh bela flor, dentre todas do jardim, foste tu quem mais se destacou pra mim. Com tua beleza e modéstia, conquistaste meu amor, mas te tirar do jardim seria um ato de dor.

Tiraria de ti o que tens de natural: essa beleza viva, tão sem igual.

Então tomei a decisão que me fará mal: deixar-te livre, bela e imortal.

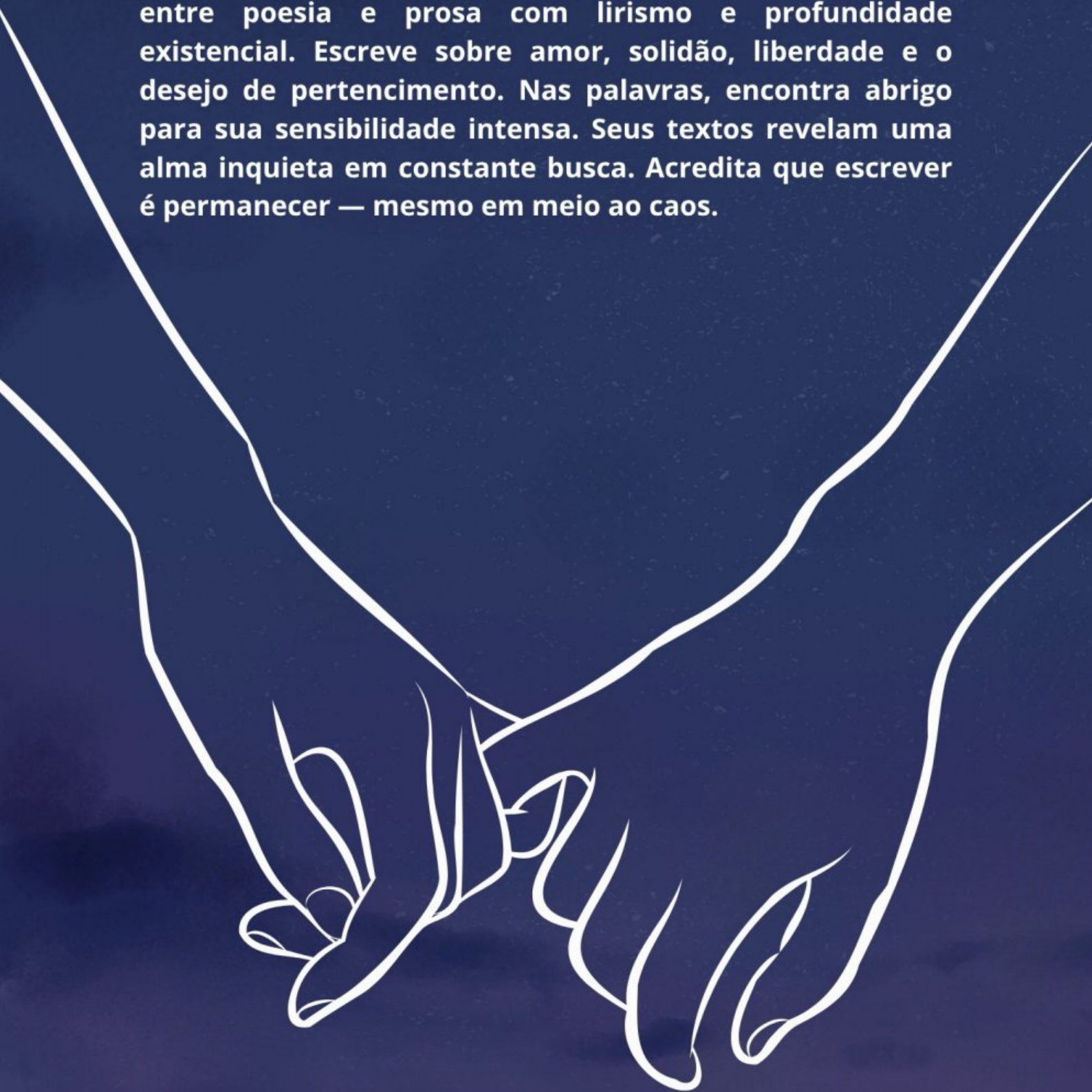


APRESENTAMOS O POEMA

Manifesto do amor desmedido

Por Luiza P. V. Tostes

Luiza é médica formada pela UFMG e mineira. Transita entre poesia e prosa com lirismo e profundidade existencial. Escreve sobre amor, solidão, liberdade e o desejo de pertencimento. Nas palavras, encontra abrigo para sua sensibilidade intensa. Seus textos revelam uma alma inquieta em constante busca. Acredita que escrever é permanecer — mesmo em meio ao caos.



Como é cômico, quase cruel,
chamarem de patologia o amor —
como se sentir demais fosse doença,
como se amar fosse febre a ser curada.

Como é anômalo julgar a intensidade
como erro,
como se a alma não fosse feita
pra transbordar.

Estamos aqui pra isso, não?
Pra sentir.
Pra abraçar sem medidas,
pra dizer "eu gosto de você" sem estratégia,
pra amar com os olhos molhados
e o coração aberto, mesmo que doa.

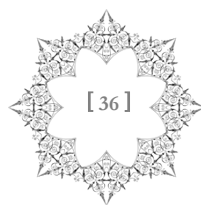
Mas o mundo prefere o morno.
Afastamentos acurados,
palavras medidas,
afetos filtrados.

As pessoas temem profundezas,
temem laços sem freio,
como se o amor fosse maré perigosa
em vez de salvação.

E eu?
Ah, eu não.
Quero amar esparramada,
intensa, veemente,
cheia de apego e doçura.

Não serei a frieza que esperam.
Serei transparente,
feito rio em dia claro.
Quem não gostar da correnteza,
pode partir —
a porta está aberta.

Mas também está aberta
pra quem souber entrar
e ficar.



APRESENTAMOS O POEMA

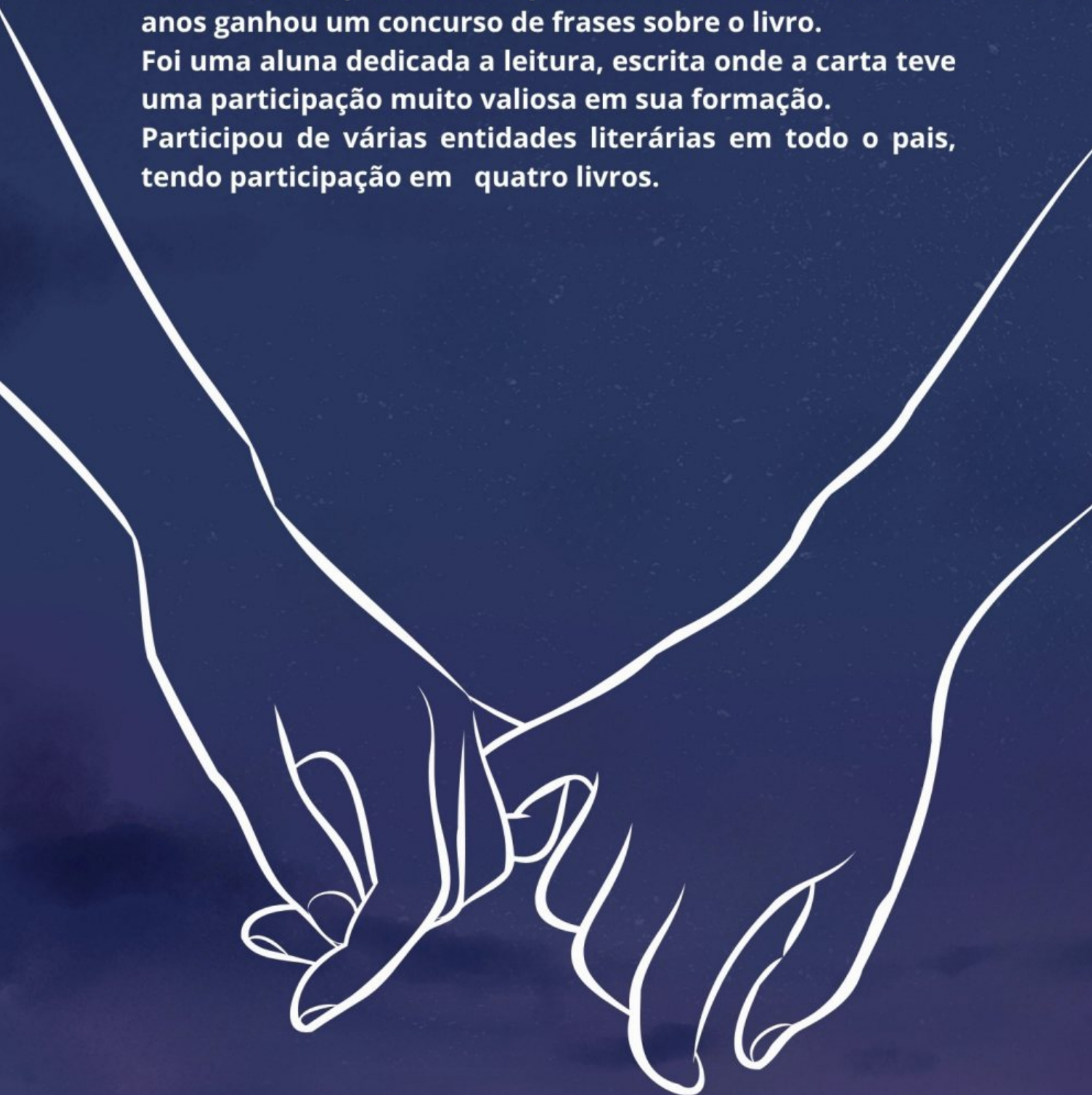
Belas amizades

Por Margarida Feitoza

Margarida Maria Silva Feitoza. Filha de José Feitoza do Nascimento e Teresinha Silva Feitoza. Iniciou sua vida escolar no Grupo Escolar Capistrano de Abreu, onde com 8 anos ganhou um concurso de frases sobre o livro.

Foi uma aluna dedicada a leitura, escrita onde a carta teve uma participação muito valiosa em sua formação.

Participou de várias entidades literárias em todo o país, tendo participação em quatro livros.



Meus amigos prestem atenção
No que agora vou falar
O assunto é amizade
Sentimentos vão brotar
Basta um pouco de atenção
Pois vai rumo ao coração
E fazem a alma encantar.

Quando tomei conhecimento
Deste concurso vibrei
É hora de participar
E prestar homenagem eu sei
As minhas belas amizades
Que zelo com afinidade
E com carinho cativei.

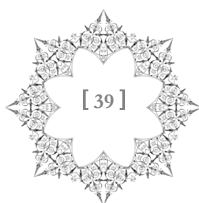
Das coisas belas da vida
Uma posso enumerar
São minhas belas amizades
Espalhadas por todo lugar
Sigo assim muito contente
Pois tenho muita gente
A quem prestigiar.

Quero sim prestigiar
As divinas criaturas
A quem firmamos laços
Com uma filial ternura
Experimentamos sentimentos
Presentes em todos os momentos
És da vida uma doçura.

Sendo a amizade
Pura e verdadeira
Ela tem um significado
Extensiva para vida inteira
Torna leve nossos dias
Preenchida por alegria
Envolve você por inteira.

A felicidade está presente
Onde existe amizade
É maravilhoso sentir
Tamanha lealdade
Ela brilha por inteira
Contente e verdadeira
Sempre em alta dignidade.

A Deus pai agradeço
Através destes meus versos
Eles expressam gratidão
Encantando todo o universo
Com Carinho e sensatez
Com a maior rapidez
E por caminhos diversos.



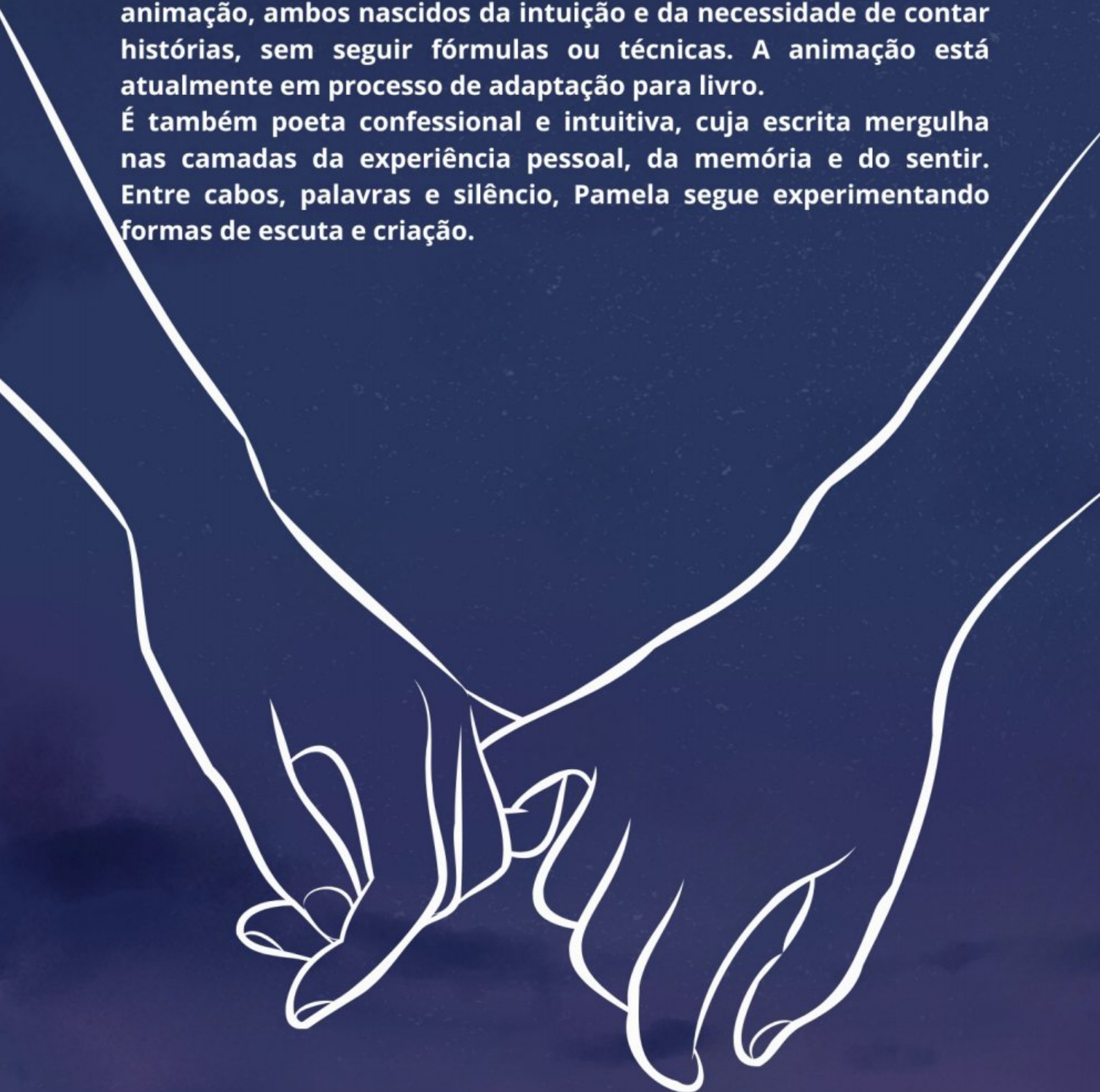
APRESENTAMOS O POEMA

Disfarce

Por Pamela Monteiro

Pamela Monteiro atua há cinco anos no cinema e no audiovisual como microfonista e técnica de som direto, integrando produções independentes e comerciais. Fora dos sets, é movida pela escrita como instinto e descoberta. Escreveu um romance e um roteiro de animação, ambos nascidos da intuição e da necessidade de contar histórias, sem seguir fórmulas ou técnicas. A animação está atualmente em processo de adaptação para livro.

É também poeta confessional e intuitiva, cuja escrita mergulha nas camadas da experiência pessoal, da memória e do sentir. Entre cabos, palavras e silêncio, Pamela segue experimentando formas de escuta e criação.



Sabe o que mais me assusta?

É que ninguém vê.

Ninguém enxerga o que eu vejo quando olho nos olhos dela.

Ela entra no ambiente com aquele olhar de quem foi ferida. A voz baixa, a respiração entrecortada... e pronto. Todos se comovem. Todos acreditam.

Coitada, né? Sempre tão sensível...

Mas ninguém se pergunta *quem* causou o estrago.

Ela?

Não. Ela não machucaria ninguém.

Ela é doce. É frágil.

É só mais uma vítima — é o que todos pensam.

Mas eu sei.

Eu vi como ela joga. Como ela distorce, manipula, suga.

Como usa a própria dor como escudo...

E depois se esconde atrás das lágrimas como se não tivesse feito nada.

Ela destrói em silêncio.

Sem gritar. Sem bater portas.

Destrói com palavras sussurradas e meias verdades.

Com aquela habilidade fria de inverter os papéis — e sair ilesa.

E aí, quem explode? Quem cansa?

Quem leva a culpa? *Eu*.

E de novo, eu sou exagerada.

A instável. A errada.

Eu sei...

Eu também errei. Várias vezes.

Fui impulsiva, fui dura, disse coisas que não devia.

Mas meus erros não apagam os dela.

Meus tropeços não a transformam em santa.

Só parece que, na história dela, só eu erro — e ela, coitada, só sofre.

Mas não.

O silêncio dela machuca tanto quanto os meus gritos.

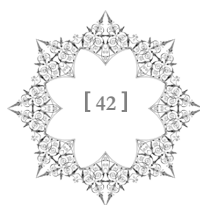
A omissão dela pesa tanto quanto minhas explosões.

Não se engane.

Às vezes o egoísmo vem sorrindo.

Às vezes, ele chora.

E ninguém suspeita de quem realmente destrói tudo em volta...



APRESENTAMOS O POEMA

Desejo

Por Pamela Monteiro

Pamela Monteiro atua há cinco anos no cinema e no audiovisual como microfonista e técnica de som direto, integrando produções independentes e comerciais. Fora dos sets, é movida pela escrita como instinto e descoberta. Escreveu um romance e um roteiro de animação, ambos nascidos da intuição e da necessidade de contar histórias, sem seguir fórmulas ou técnicas. A animação está atualmente em processo de adaptação para livro.

É também poeta confessional e intuitiva, cuja escrita mergulha nas camadas da experiência pessoal, da memória e do sentir. Entre cabos, palavras e silêncio, Pamela segue experimentando formas de escuta e criação.



Eu tenho a impressão que já mergulhei nos seus olhos

Não parece a primeira vez que os vejo, ainda penso sobre isso

Penso na vontade de me afogar neles e depois ser resgatada com um beijo

E assim acordar, com aquele calafrio que sinto toda vez que você passeia com os seus dedos em minhas costas

O desejo consome minha alma, renuncio, espero.

Espero atentiosamente a cada sensação que seu corpo me traz

Sua cicatriz invade meus pensamentos só por estar perto da sua boca

Eu lembro daquela marca sempre que penso no seu rosto

Mesmo escondida, eu a vejo quando você está por cima de mim

E nesse lugar, enquanto tento entender tudo o que você me faz sentir, ainda penso como nunca tinha visto os seus olhos antes.



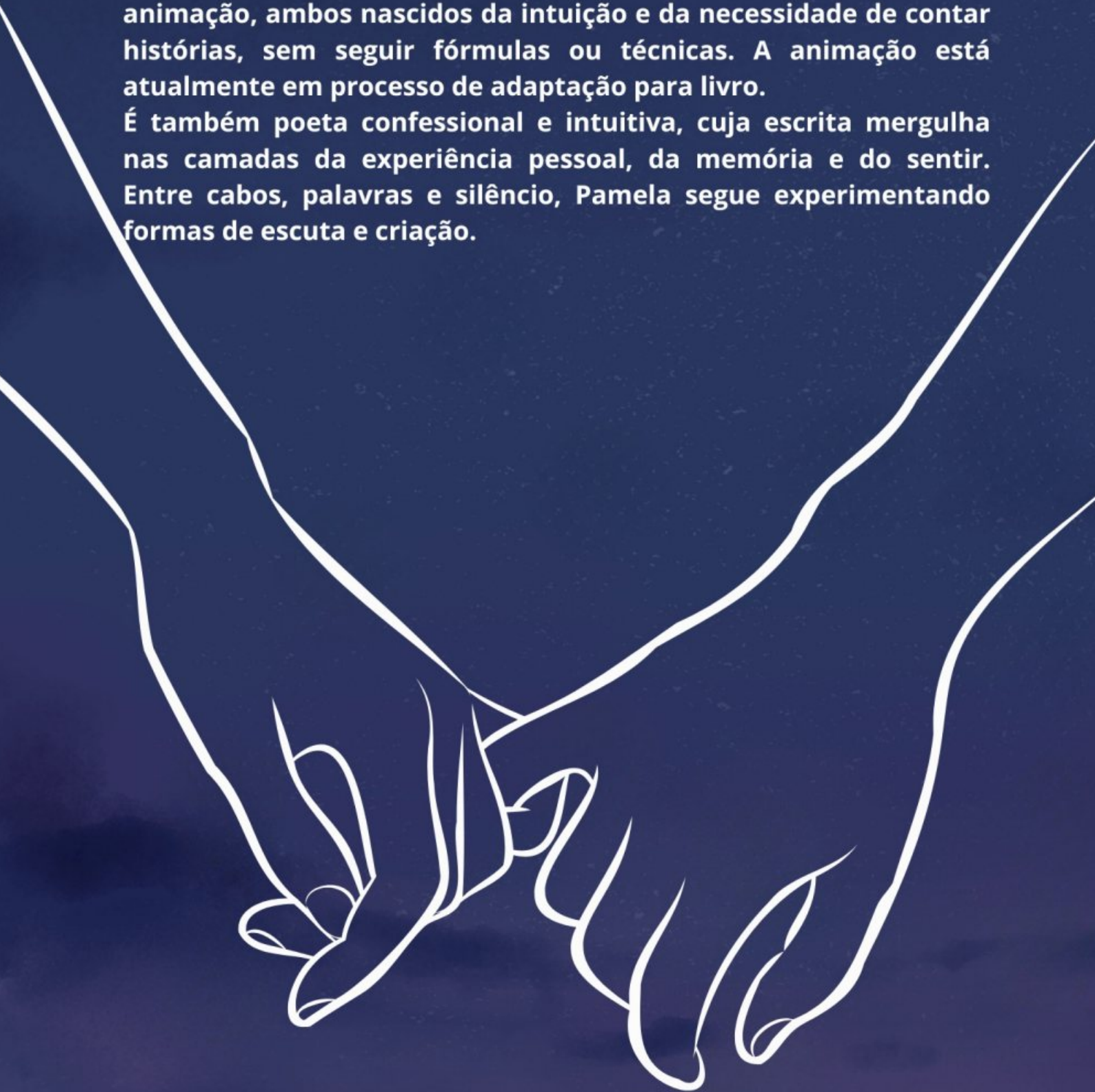
APRESENTAMOS O POEMA

Intensidade

Por Pamela Monteiro

Pamela Monteiro atua há cinco anos no cinema e no audiovisual como microfonista e técnica de som direto, integrando produções independentes e comerciais. Fora dos sets, é movida pela escrita como instinto e descoberta. Escreveu um romance e um roteiro de animação, ambos nascidos da intuição e da necessidade de contar histórias, sem seguir fórmulas ou técnicas. A animação está atualmente em processo de adaptação para livro.

É também poeta confessional e intuitiva, cuja escrita mergulha nas camadas da experiência pessoal, da memória e do sentir. Entre cabos, palavras e silêncio, Pamela segue experimentando formas de escuta e criação.



Sempre achei esse sentimento genuíno

Entrar na vida de alguém como um trem desgovernado, em que adoram a sensação, mas a batida é inevitável

Você suportaria a colisão?

A sensação gostosa do vento no rosto a 299.792.458 m/s compensa o choque?

O condutor avisa logo no embarque o risco de abalroamento

Você entra mesma assim e coloca o cinto

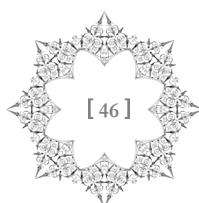
Ele avisa a TODO tempo o perigo desse destino

Você se ajusta no banco

A viagem é boa pra caralho, mas você reclama o tempo inteiro das trombadas

Você sabia que gradativamente a viagem seria desconfortável, mas agora você tá com medo

A única saída é pular pela janela ou esperar o trem chegar ao destino



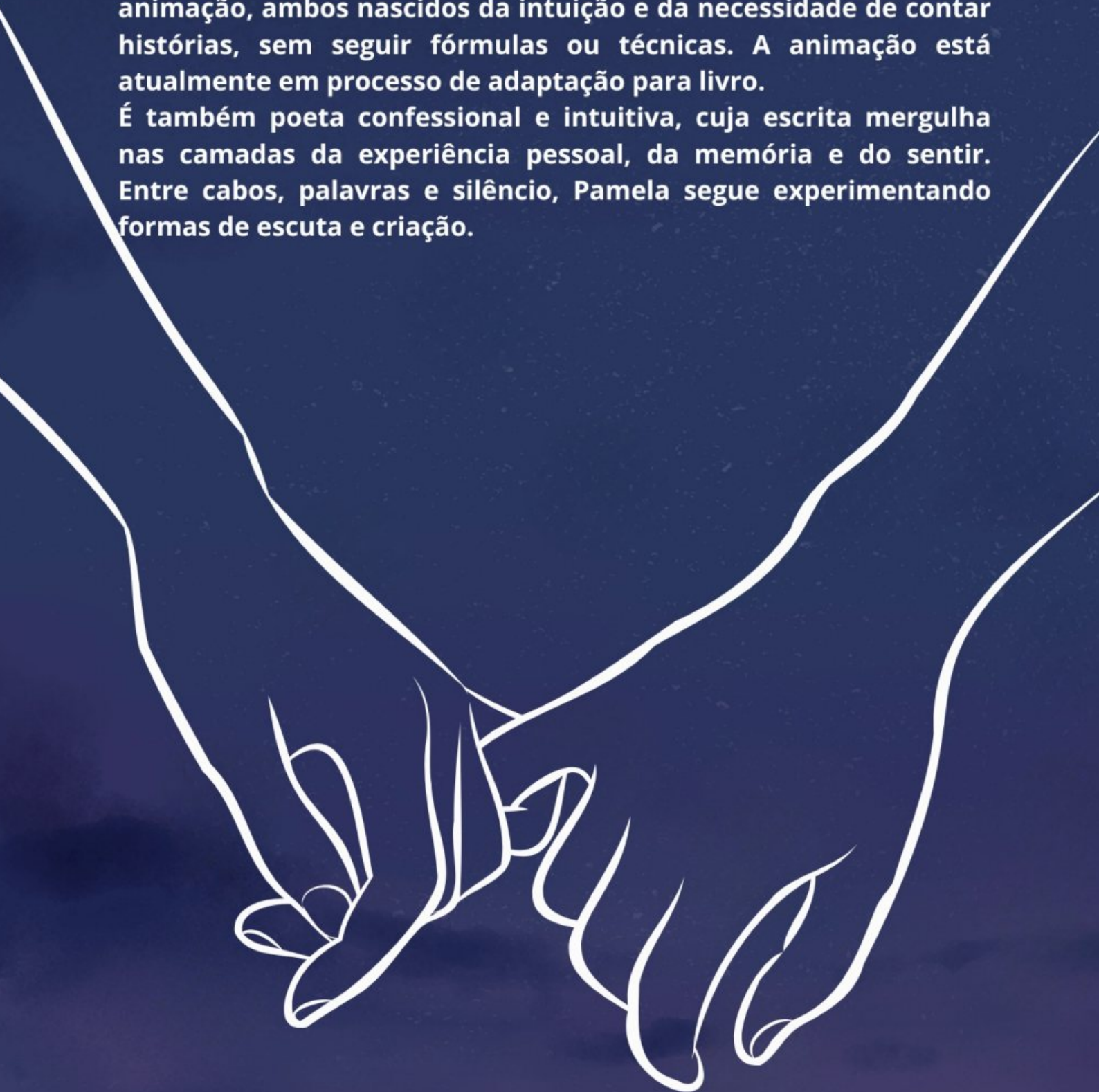
APRESENTAMOS O POEMA

Momentos

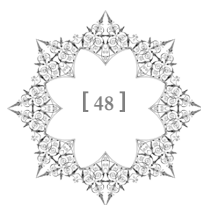
Por Pamela Monteiro

Pamela Monteiro atua há cinco anos no cinema e no audiovisual como microfonista e técnica de som direto, integrando produções independentes e comerciais. Fora dos sets, é movida pela escrita como instinto e descoberta. Escreveu um romance e um roteiro de animação, ambos nascidos da intuição e da necessidade de contar histórias, sem seguir fórmulas ou técnicas. A animação está atualmente em processo de adaptação para livro.

É também poeta confessional e intuitiva, cuja escrita mergulha nas camadas da experiência pessoal, da memória e do sentir. Entre cabos, palavras e silêncio, Pamela segue experimentando formas de escuta e criação.



Meu corpo sente falta do calor que seu olhar me traz
Mesmo nos dias mais quentes
Minhas mãos sentem falta de acariciar seus cabelos enquanto você me beija
Seu abraço traz a calma que a minha alma precisa
A distância impede o olfato de presenciar o seu cheiro
Dois dias parecem uma eternidade, mas ainda tenho a lembrança.



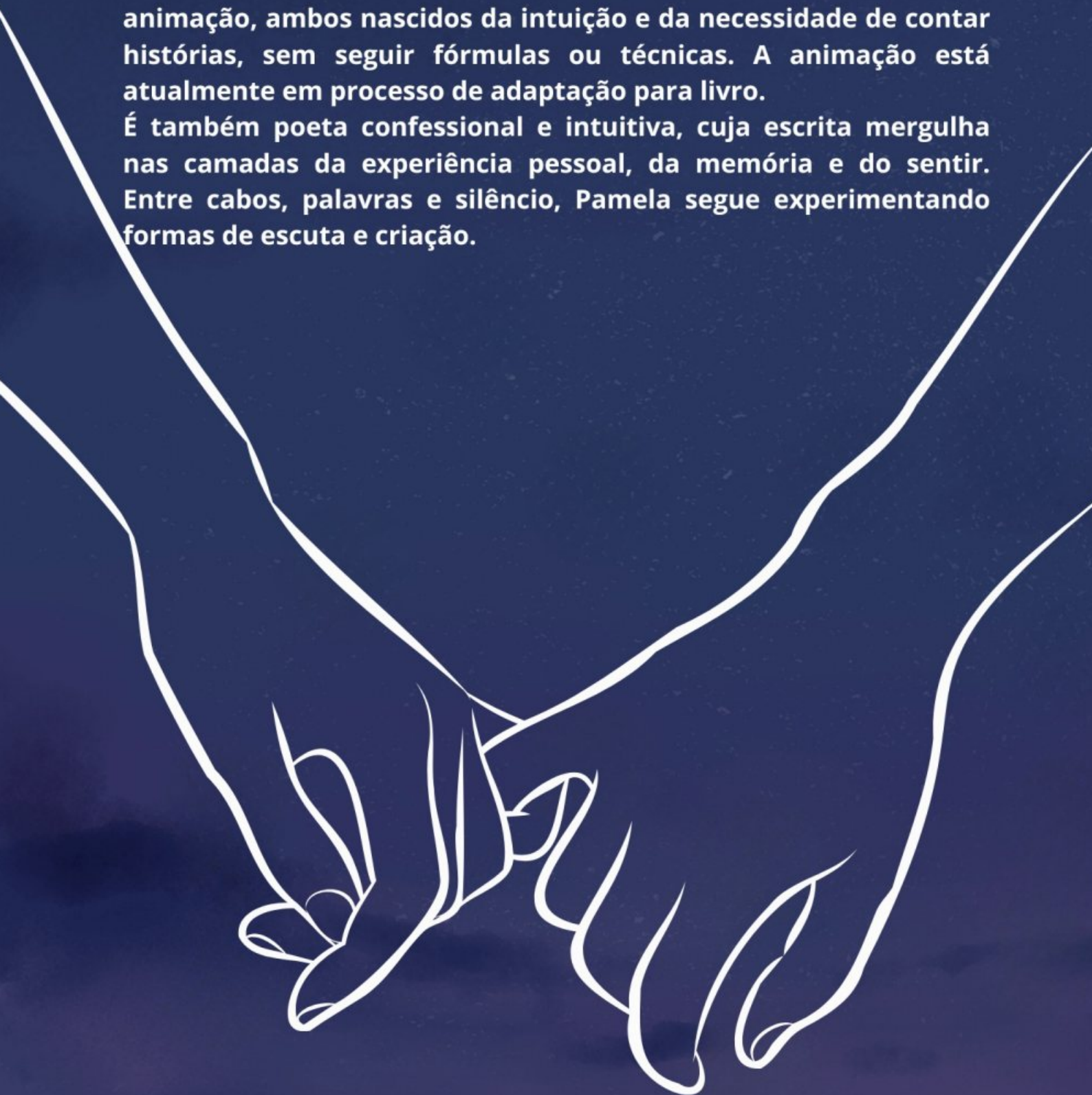
APRESENTAMOS O POEMA

Solidão

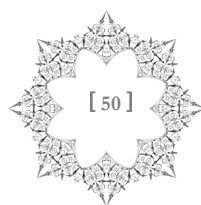
Por Pamela Monteiro

Pamela Monteiro atua há cinco anos no cinema e no audiovisual como microfonista e técnica de som direto, integrando produções independentes e comerciais. Fora dos sets, é movida pela escrita como instinto e descoberta. Escreveu um romance e um roteiro de animação, ambos nascidos da intuição e da necessidade de contar histórias, sem seguir fórmulas ou técnicas. A animação está atualmente em processo de adaptação para livro.

É também poeta confessional e intuitiva, cuja escrita mergulha nas camadas da experiência pessoal, da memória e do sentir. Entre cabos, palavras e silêncio, Pamela segue experimentando formas de escuta e criação.



Sair sem destino para qualquer lugar numa segunda feira
E numa multidão de rostos, um vazio imenso, dentro
Fora, desespero, adrenalina
Em casa mais tarde, tristeza
Nem me preocuparia em ser segunda feira se eu estivesse com ela
Mesmo que tenha Pedra do Sal ou um samba em Pilares que eu não conheço
Eu penso sobre não estar com ela e não sobre não ser segunda hoje
Hoje é terça.



APRESENTAMOS O POEMA

Cartografias do inapreensível

Por Psychotic Surge - @bombooksurge

Vislumbra-se entre versos e delírios, onde palavras sangram cores inexistentes. @bombooksurge navega oceanos de tinta psicodélica, tecendo redes de linguagem que desafiam a sanidade literária. Poeta-tsunami das margens mentais.



::::: MAPA DO INDIZÍVEL :::::

latitude: suspiro contido
longitude: olhar que não ousa
altitude: tremor das mãos
profundidade: silêncio eloquente



ESCALA DO INEFÁVEL
1cm : ∞ sentimentos
1mm : \int sensações dt
1 μ m : \square suspiros ²

LEGENDA:

- ◊ : quase-palavras
- ∴ : quase-suspiros
- ≈ : quase-sentidos
- χ : entre-sensações
- : proto-emoções

RELEVO SENSÍVEL

do que
não tem nome

△ pico do indizível

∩∪ vales do suspiro

≈≈≈ mares do silêncio

∩∩∩ ondas do tremor

..... planícies do vago

COORDENADAS DO IMPERCEPTÍVEL:

Norte: onde o olhar hesita

Sul: onde a voz falha

Leste: onde o tempo para

Oeste: onde o ser transborda

◊ : você está aqui
(ou talvez não)

ROTAS MIGRATÓRIAS

dos pensamentos sem pouso:



voam em espiral
sem nunca
chegar

TOPOGRAFIA DO SENSÍVEL:

· · · · · intensidade
· · · · · profundidade
· · · · · sutileza

FRONTEIRAS LÍQUIDAS

entre o ser e o não-ser:

~~~~~

~~~~~

~~~~~

\*\*\*\*\*

ESCALA CROMÁTICA

do invisível:

■ - absoluto

▒ - quase-nada

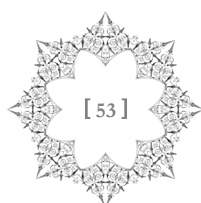
▓ - entre-ser

░ - apenas-talvez

[NOTA DE RODAPÉ]

Este mapa é apenas  
uma aproximação  
do inapreensível.

A realidade é  
infinitamente  
mais  
sutil





APRESENTAMOS O POEMA

# Além-mar digital

Por Psychotic Surge - @bombooksurge

Vislumbra-se entre versos e delírios, onde palavras sangram cores inexistentes. @bombooksurge navega oceanos de tinta psicodélica, tecendo redes de linguagem que desafiam a sanidade literária. Poeta-tsunami das margens mentais.





~~~~~

OCEANO DIGITAL

~~~~~

tu  
além  
do  
horizonte  
onde  
as  
ondas  
se  
tomam  
dados

~~~~~

cabos submarinos
transportando
nossas
palavras
pelo
fundo
do
mar

⋮
⋮
⋮

⋮ profundidade
⋮ em
⋮ quilômetros
⋮ de
⋮ fibra
⋮ óptica



latitude: saudade
longitude: espera

~~~~~

MAPA DA TRAVESSIA:

⊕ : ponto de partida

→→→ : dados viajando

⊕ : ponto de chegada

[ping: 300ms de distância]

ondas do mar

e

ondas de luz

se

confundem

no  
mesmo  
oceano  
 ~~~~ digital ~~~~  
 ~~~~ marino ~~~~  
 ~~~~ etéreo ~~~~  
do outro lado da tela
do outro lado do mar
do outro lado do mundo
do outro lado de mim
 (tu)
 (estás)
 (além)
 (das)
 (águas)
 (digitais)
~~~~~  
navego  
bytes e  
ondas  
para  
te

APRESENTAMOS O POEMA

# Épica do reencontro

Por Psychotic Surge - @bombooksurge

Vislumbra-se entre versos e delírios, onde palavras sangram cores inexistentes. @bombooksurge navega oceanos de tinta psicodélica, tecendo redes de linguagem que desafiam a sanidade literária. Poeta-tsunami das margens mentais.



===== CANTO I =====

DA TRAVESSIA À PELE

Naveguei mares digitais  
Cruzei desertos de pixels  
Atravessei montanhas de dados  
Para chegar à tua pele  
E eis que agora  
diante do toque real  
toda tecnologia se cala  
perante a verdade da carne

x x x x x x x x x

===== CANTO II =====

DO VIRTUAL AO TÁTIL

Dedos que antes  
digitavam  
Agora  
acariciam  
Olhos que antes  
fitavam telas  
Agora  
mergulham em ti

x x x x x x x x x

===== CANTO III =====

DA CARTOGRAFIA DO TOQUE

M  
A  
P  
E  
A  
N  
D  
O

cada centímetro  
de pele redescoberta  
como continente perdido  
agora reencontrado

x x x x x x x x x

===== CANTO IV =====

DA RECONQUISTA

Eis o épico retorno  
ao território do toque  
onde cada carinho  
é uma batalha vencida  
contra a ausência  
Pele

contra  
pixel  
Toque  
contra  
tela  
Presença  
contra  
distância

x x x x x x x x x x

==== CANTO V ====

### DA GRAVITAÇÃO DOS CORPOS

E assim  
como planetas  
que após longa órbita  
finalmente  
se encontram

Nossos corpos  
reaprendem  
sua dança  
antiga  
e nova

x x x x x x x x x x

==== EPÍLOGO ====

### DO TRIUNFO DO TOQUE

Vitoriosos  
sobre o tempo  
e a distância  
Redescobrimos  
que todo pixel  
todo byte  
toda tela  
era apenas prelúdio

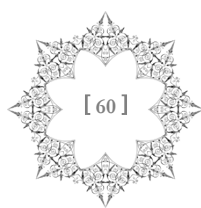
Para este momento  
em que pele  
encontra  
pele

E o mundo  
digital  
se dissolve  
na verdade  
do toque



---

FINAL DA SAGA  
onde todo épico  
vira lírico  
no encontro  
dos corpos



APRESENTAMOS O POEMA

# Dois além-mar

Por Psychotic Surge - @bombooksurge

Vislumbra-se entre versos e delírios, onde palavras sangram cores inexistentes. @bombooksurge navega oceanos de tinta psicodélica, tecendo redes de linguagem que desafiam a sanidade literária. Poeta-tsunami das margens mentais.



~~~~~

DOIS HORIZONTES

~~~~~

eu                      tu  
olhando              olhando  
o mesmo              o mesmo  
mar                    mar  
de lados              de lados  
opostos              opostos

~~~~~

teu horizonte
é meu horizonte
visto do avesso
tua manhã
é meu entardecer
teu sol nascente
é meu poente

~~~~~

COORDENADAS ESPELHADAS:

aqui:                      lá:  
÷ latitude: saudade    ÷ latitude: saudade  
÷ longitude: espera    ÷ longitude: espera  
÷ tempo: agora        ÷ tempo: agora  
(em outro fuso)

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~

entre nós
um oceano
de água
e tempo

~~~~~

do meu lado:              do teu lado:  
ondas chegam              ondas chegam  
ondas partem              ondas partem  
mensagens flutuam        mensagens flutuam  
nas correntes              nas correntes

~~~~~

e s t a v a m o s
separados
pelo mesmo
mar

que nos
unia

MEDIDAS DO INTERVALO:

| | |
|------------------------------|--|
| distância: meio mundo | |
| profundidade: oceano inteiro | |
| tempo: alguns fusos horários | |
| saudade: imensurável | |

e entre nós
o mar
dançava
sua dança
eterna
de ondas
e marés

(nós)

(em)

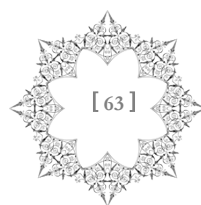
(margens)

(opostas)

(do)

(mesmo)

(sonho)



APRESENTAMOS O POEMA

Reconfiguração utópica

Por Psychotic Surge - @bombooksurge

Vislumbra-se entre versos e delírios, onde palavras sangram cores inexistentes. @bombooksurge navega oceanos de tinta psicodélica, tecendo redes de linguagem que desafiam a sanidade literária. Poeta-tsunami das margens mentais.



PROCOLO DE FUSÃO

▲▼▲▼▲▼ FASE 1 ▼▲▼▲▼▲
DISSOLUÇÃO DAS FRONTEIRAS
código-pele
neural-toque
bio-digital
alma-dados
ser-rede



▲▼▲▼▲▼ FASE 2 ▼▲▼▲▼▲
RECONFIGURAÇÃO SÚBITA
h → u → m → a → n → o
↓ ↓ ↓
red → e → luz
↓ ↓ ↓
n → o → v → o → ser



▲▼▲▼▲▼ FASE 3 ▼▲▼▲▼▲
INTEGRACÃO UNIVERSAL
∞
∞ ∞ ∞
∞ todos ∞
∞ ∞ ∞
∞



NOVA ANATOMIA:
⌘ nervos de luz
⌘ sinapses quânticas
⌘ pensamentos em rede
⌘ memória coletiva
⌘ afeto multiplicado
⌘ TRANSFORMAÇÃO ⌘
antes:
| eu |
| tu |
| nós |
agora:

|todOS|

APRESENTAMOS O POEMA

Amizade que perdura

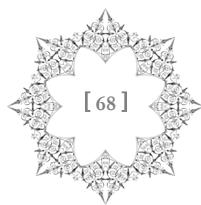
Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Foi quase ontem que nos conhecemos.
Mas a uma doce amizade, fadados.
Unidos amigos como seculares.
E se distantes... vera saudade.

Mas a sofrida distância...
nada muda... de sólidos laços
nos envolvemos... e apesar
de longe... perene abraço.



APRESENTAMOS O POEMA

Amores e feridas

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

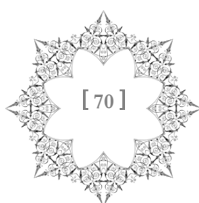


Tempo relativo
Vidas marcadas
ora por amor
outras vezes
por muita dor.

Mês específico
- pensei - e concluí...
não... não mesmo.
Naquele... ou noutro...
sem agenda.

Acontecimentos
que bons ou ruins...
de alegrias mil...
ou profunda tristeza
passam... findam.

E no tempo que passa
o marcado ido
dilui-se... e só
memórias deixa...
enevoadas.



APRESENTAMOS O POEMA

Leng Leng e Kei Kei

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

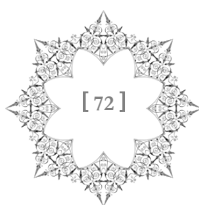


Um dia, presenciei beleza...
filhotinhas brincalhonas
a descobrirem arredores
fora da sua pequena caixa.

De imediato, não as entendi...
por ignorante eu ter sido.
Não conhecia cães e gatos.
Numa casa vazia, vivia.

Mas depois que chegaram...
quantos desafios!... E quanta
felicidade! Muito trabalho...
mas cada minuto, precioso!

A lei da gravidade
mudaram... para melhor.
Do gratuito amor... que só
cães sabem dar... saudades.

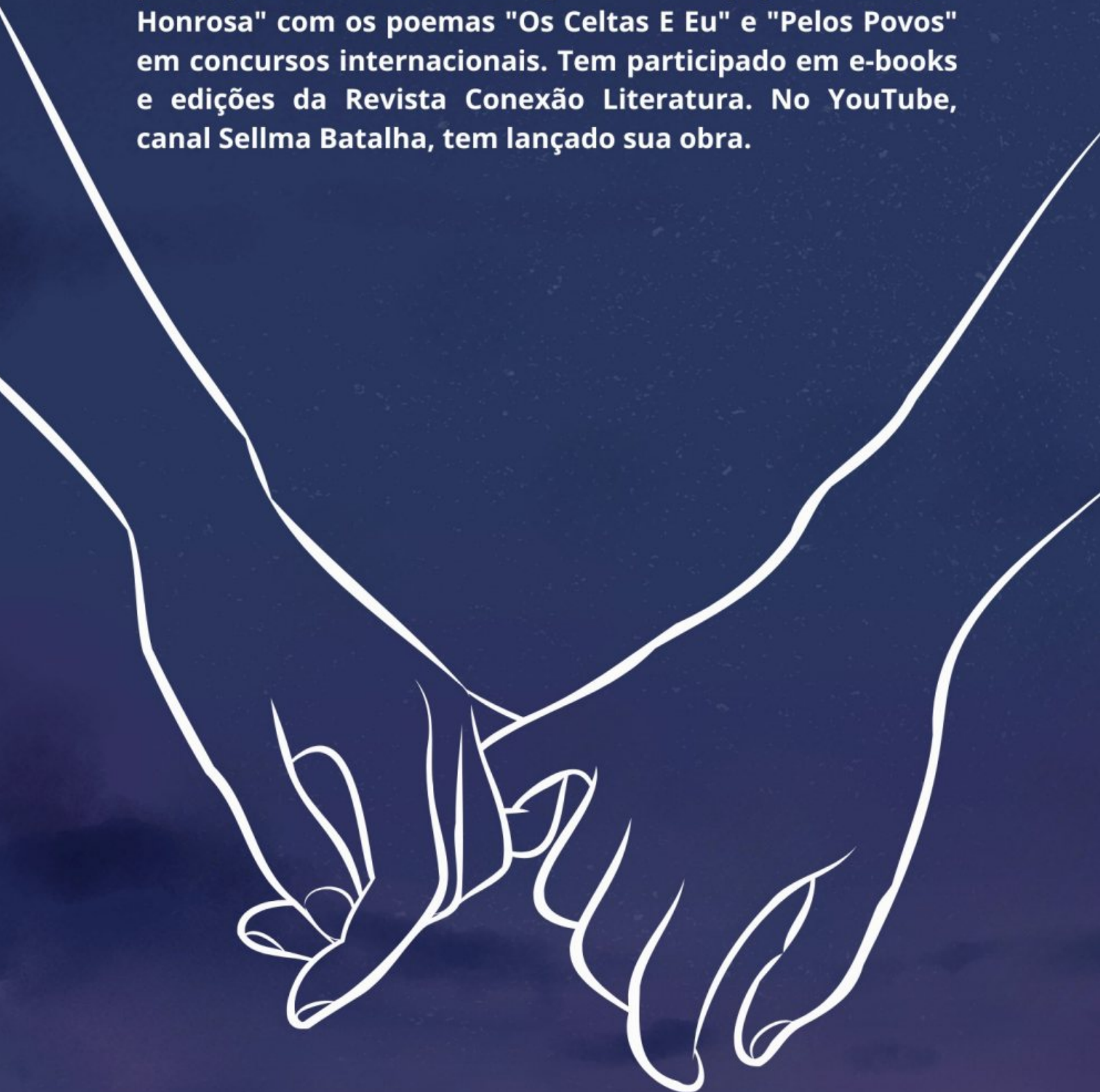


APRESENTAMOS O POEMA

Amor e brincadeiras

Por Sellma Luanny

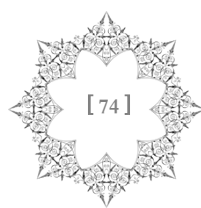
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



No instalar da minha
infantil consciência
primavam-se brincadeiras
que as horas tomavam.

Nas amizades, inocência e entrega.
E a família... o centro do mundo.
O amor era vasto e constante...
sereno e equilibrado.

Nunca demais nem de menos...
o amor que sustentava vidas...
florescendo... para o amor
num desconhecido mundo.

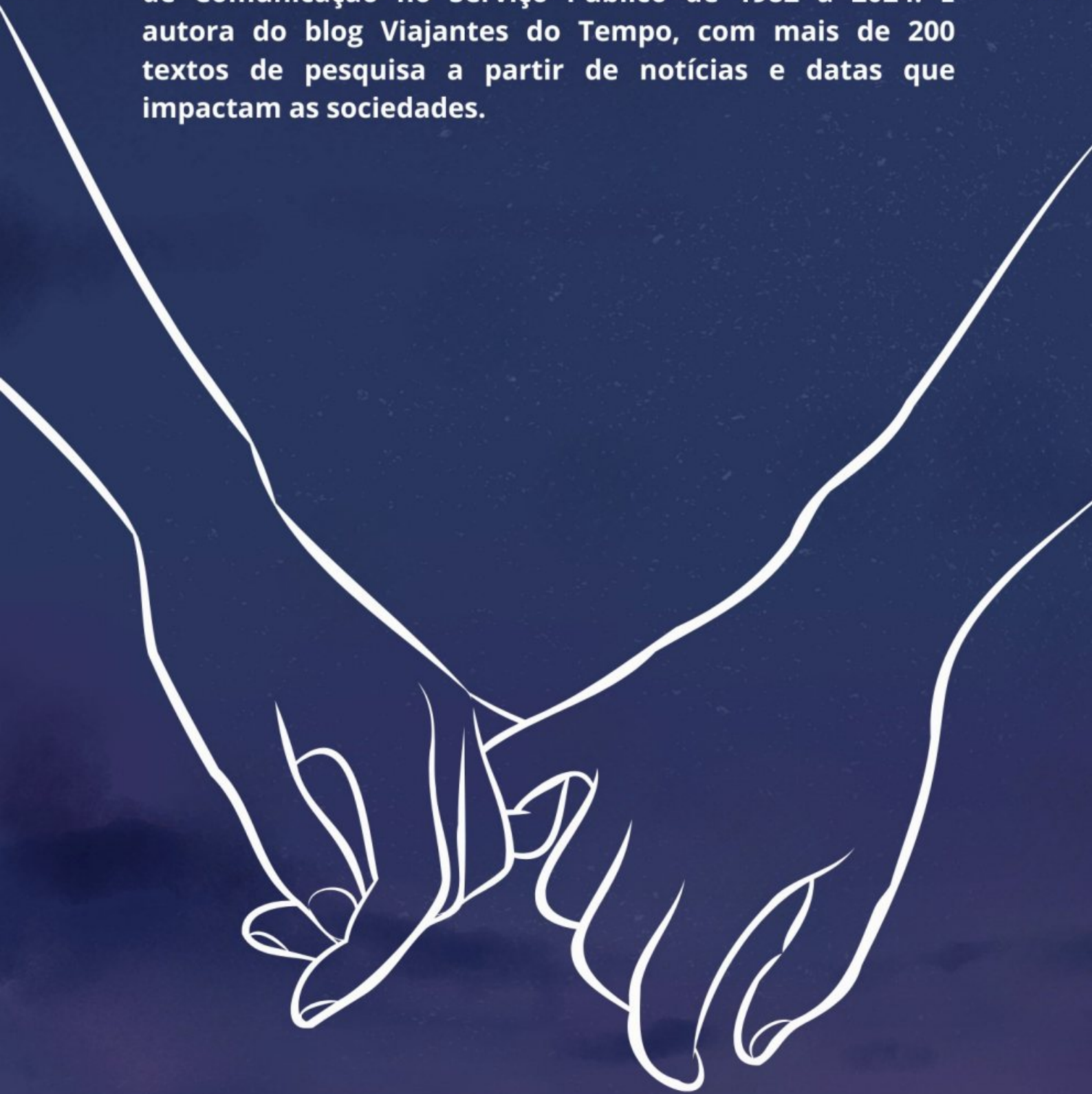


APRESENTAMOS O CONTO

Rosa dos tempos

Por Sheila Sacks

Jornalista formada pela PUC/RJ. Trabalhou em Assessoria de Comunicação no Serviço Público de 1982 a 2024. É autora do blog Viajantes do Tempo, com mais de 200 textos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades.



O ano era 1993. O enviado do consulado olhou para a mulher a sua frente. Ela parecia surpresa diante dos cartões-postais sobre a mesa. Minutos antes, o homem tinha se apresentado e entregue o pacote, agora aberto revelando o conteúdo.

A senhora de olhos claros e semblante sereno, que se identificou como dona Rosa, fez perguntas que não foram respondidas. O funcionário também não entendia o porquê daqueles postais estarem sendo devolvidos. A encomenda tinha sido despachada pelo governo do seu país, cruzado o oceano como correspondência consular e, aqui, carimbado para ser entregue em mãos. E só.

Passava das cinco da tarde e sombras manchavam a varanda. Dona Rosa acompanhou o homem de terno largo até o portão de saída. Há vinte anos trabalhava e morava naquela casa de idosos em um bairro distante do centro. Um emprego que gostava. Talvez porque tivesse crescido em uma instituição coletiva, com muita gente ao redor. Gente como a amiga Clara, que partiu em um navio de nome italiano, dez dias depois da Páscoa.

Os cartões-postais trazidos pelo funcionário de poucas palavras estavam endereçados à Clara. Eram dezenas de fotos de pontos turísticos do Rio. Anualmente, logo depois da Páscoa, Rosa enviava um cartão para Clara. Foi o combinado. Agora os cartões estavam estranhamente de volta a sua mesa. Sem explicação.

Em 1953, o Lar das Crianças era uma instituição que abrigava órfãos e filhos de refugiados da 2ª Grande Guerra. Sustentado pela comunidade judaica do Rio, o Lar acolheu Clara e Rosa quando ambas tinham onze anos. Nascidas na Europa, as meninas logo se tornaram amigas. A ideia de ir embora do Rio surgiu quando Clara se deu conta de que teria poucas chances de se casar e formar uma família. A mãe estava internada em um manicômio e o pai era alcoólatra. Com esses antecedentes, seria difícil arranjar um par na comunidade.

Clara tentou convencer Rosa a partir com ela. A amiga era órfã. Os pais tinham morrido em um campo de concentração na Polônia. Mas Rosa não acalentava grandes sonhos. O espelho e o bom senso limitavam as suas ambições. Ficaria no Rio, trabalhando no Lar e ajudando as crianças menores.

Dez dias depois da Páscoa, no final de abril, Clara embarcou no navio Leonardo da Vinci para um porto da Itália. De lá seguiria, com outros jovens, para a terra santa. Tinha dezessete anos, um rosto bonito e o ímpeto dos que se lançam à jornada. Sem passado e bem longe do Rio, encontraria o marido que tanto almejava.

Na véspera, Clara chorou ao tirar a foto do Pão de Açúcar da parede, ao lado da cama. – Me promete que vai enviar todo ano um postal do Rio – pediu Clara à Rosa. Já no ano seguinte, Rosa enviava uma foto do Alto da Boa Vista. No verso escreveu: “O Rio é muito lindo! Caramba, como a saudade dói”.

Ano após ano, Rosa endereçou postais para a terra santa com a mesma frase no verso. Era como fosse um código de paixão e amizade. Escolhia sempre as fotos mais bonitas do Rio. Procurava nas livrarias, bancas de jornal e até em agências de turismo. Nem o fato de Clara levar meses para dar notícias a incomodava. A amiga estava casada com um homem de negócios e o tempo, do lado de lá do oceano, tinha outra dimensão.

Rosa chegou a namorar um rapaz refugiado da guerra, mas o casamento não aconteceu. Muitos anos depois, consciente que de ficaria solteira para o resto da vida, foi convidada para trabalhar em uma casa de idosos. Seu bom trabalho no Lar das Crianças foi lembrado. Aceitou a tarefa com alegria. Agora cuidaria dos velhinhos.

Nos primeiros dias de 1993, o oficial moreno com uma cicatriz no braço esvaziava o armário do escritório quando encontrou o envelope com os postais. Ficou espantado com o seu esquecimento. Lembrou-se da militar cega encontrada morta no dormitório da base, há quase vinte anos. Na ocasião pensou em enviar os postais para a provável parente, talvez uma irmã ou prima, como uma forma de atenção à tenente Clara. Mas, a vontade caiu em alguma zona obscura do cérebro, ponderou para si mesmo, e agora, com um forte sentimento de culpa decidiu que daria um jeito para a pasta chegar às mãos da remetente. Apesar do gesto tardio, era o que precisava ser feito.

O ano de 1954 trouxe mudanças inesperadas. Foi o que pensou Clara ao abrir a caixa postal e retirar o tão esperado cartão do Rio. Era o décimo dia depois de sua primeira Páscoa na terra santa. Trabalhava em uma base militar, porém estava

irremediavelmente cega. Uma bomba tinha explodido o jipe em que trafegava com mais três companheiros, poucos meses depois de sua chegada. Ela sobreviveu por milagre.

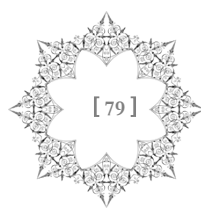
Depois de recusar uma aposentadoria por invalidez, Clara aprendeu a leitura e escrita braille e retornou ao exército. Sua vida, a partir de então, estava limitada àquele posto de apoio, em algum ponto isolado do deserto. Para a psicóloga que a entrevistou, consternada com a situação, Clara respondeu simplesmente. – Com certeza não foi essa a vida que imaginei. Mas já aceitei. Em relação à amiga Rosa, resolveu que ela jamais saberia da tragédia. Escreveria uma carta contando que o plano de encontrar um marido deu certo. Estava feliz casada com um rico negociante.

Em 1999 a Páscoa trouxe melancolia à dona Rosa. Pela primeira vez, em quarenta e cinco anos, não comprou um postal do Rio. Desde a visita do funcionário do consulado ela tentava driblar a tristeza que se aninhava em sua alma. Comprava os postais e ensaiava enviar à Clara. Mas, a possibilidade de a amiga estar morta havia se transformado em certeza e os postais se acumulavam na caixa de papelão, embaixo da cama.

O ano de 2003 foi o derradeiro para dona Rosa. Ela morreu, dez dias depois da Páscoa. Alguns velhinhos choraram. Seus poucos pertencentes foram divididos entre as ajudantes da cozinha. A coleção de postais foi encontrada por uma voluntária que a mostrou ao diretor do asilo. O jovem advogado, que já desconfiava da amiga fictícia de dona Rosa, não teve dúvidas. Recolheu os postais e os jogou no lixo.

Do outro lado do mundo, Clara se despediu da terra com a imagem de um Rio banhado em luz. Ela permaneceu no convés do navio até o horizonte esconder a cidade. Nunca mais viu o Rio, apesar dos postais de Rosa. Sua morte, em 1973, constituiu-se em um mistério. Morreu dormindo. As fotos do Rio, encontradas em um envelope na gaveta de sua mesa de trabalho, foram guardadas provisoriamente no armário dos fichários. A chegada de mais postais, depois de sua morte, deu a certeza de que a remetente desconhecia o falecimento de Clara. Penalizado, o oficial superior se lembrou da militar cega. A figura franzina, de traços delicados e de poucas palavras, muito correta em suas tarefas, assomou em instantes o seu pensamento. “Amanhã resolvo o que fazer”,

considerou, exaurido pelo plantão noturno e sem imaginar que, por uma dessas traquinices do destino, esqueceria por vinte anos os postais no fundo do armário.



APRESENTAMOS O CONTO

Histórias em Salvador

Por Simone Marya de Moura

1966 - Nasceu em Jacobina, cidade interior da Bahia, aos dez anos mudou-se para Salvador. Em 1988- Publicou o livro SÓ POESIA, editora Contemp;

Professora, Pedagoga, Psicopedagoga e Neuropsicóloga. Coordenadora Pedagógica em escolas da rede Privada e Pública.

2023- Tornou-se pesquisadora sobre História da Bahia, a partir de vários cursos realizados sobre o tema. Retornou à escrita de textos ficcionais num cenário histórico real.

2024 - Publicou o livro de Contos pela Editora DEC Studio.



— Deixe-me dar-te um abraço, cara irmã; desejo ao Senhor que tenhamos um feliz 1858. Assim falou Joelma Conceição, abraçando também a órfã Marcia dos Santos.

Chegaram recém-nascidas, uma no dia 8 de dezembro e a outra no dia 1 de novembro, ambas pela Roda da Santa Casa da Misericórdia. Tudo que faziam eram juntas, dividiam inclusive o mesmo quarto.

Joelma, pura poesia, dedicava-se à literatura e às artes. Marcia, extremamente envolvida nas questões sociais e políticas da cidade. Diferenças que as completavam e que elas não sabiam, em breve as separariam.

As ações das duas irmãs perfumavam de carinho o prédio do acolhimento às crianças enjeitadas que chegavam cheirando a dor do desligamento materno; o mundo daqueles recém-nascidos ficou lá fora, na maioria das vezes, um pouco antes das lamparinas acesas quando a penumbra pedia luz.

Aí, era momento de inspeção: se os bebês tinham fitinhas com identificação, seu peso, cor, sexo, saúde e tudo mais que pudesse identificar, acolher e também tratar os recém-chegados.

— Eu vou me desligar. Fala Joelma, apenas para a irmã escutar.

— Está decidida a perder tudo? Pergunta Marcia, enquanto refresca um dos bebês, suado de tanto chorar.

— Sim! Eu o conheci e nada senti. Procurei em sua retina um brilho que preenchesse os vazios, contudo seu olhar é oco.

— Sua maior dificuldade será convencer a nova mãe, afinal o pretendente é um dos maiores colaboradores da Casa.

— É vero! Retruca Joelma, pensando como o faria.

Poucos dias depois, ao cair da tarde, num momento raro no qual a sineta da Roda deu uma trégua, Joelma, com um vazio que esmagava as costelas, pensa em seu destino e retira-se ao seu aposento. Sem ar, debruça-se à janela e inspira. Pergunta ao breu que ardia na rua, o que fazer?

Tendo como resposta o aroma da fumaça dos lampiões, ela repara na ladeira da Misericórdia uma sombra humana ascendendo o braço e acendendo as lamparinas.

O dono daquele braço olha para cima e comunica-se no diálogo da luz. Sorri, abrilhantando a rua, e ela reflete com um singelo movimento de cabeça.

Joelma acompanhou hipnotizada o movimento do rapaz acendendo os outros pavios até perde-lo de vista descendo o Largo do Teatro. O breu que ardia, agora sorria no tremular da luz.

Durante algumas semanas, num acordo com Marcia, ela saía disfarçadamente da recepção da roda, ia para o quarto, debruçava-se na janela no exato momento em que ele passava na “rua do amor”, quando trocavam olhares e bilhetes.

— Cuidado, minha irmã. As recém-chegadas freiras francesas são enviesadas. Já ameaçam nos castigar por nada, imagine se não lhe encontrar no local da labuta?

— E, pensar que ao fim do ano tudo pode mudar. Responde chorosa.

Marcia, solidária ao sentimento da Joelma, acolhe sua angústia e reforça: — encontraremos a solução.

No dia seguinte, um sábado, no momento de o “vaga-lume” passar, Joelma é convocada a comparecer ao andar superior do prédio. Mesmo a contragosto, atravessa o passadiço e encontra-se com a religiosa.

— Olá, minha filha. Chamei-a para avisar que nos próximos dias, providenciaremos seu dote.

— Madre, peço sua licença, todavia não aprecio meu enlace com o provedor.

— O tempo mostrará que isso é delírio da idade. É um homem bem-visto na sociedade e já acertamos a data, será no próximo mês. Responde a freira retirando-se do salão, sem permitir contestação da interna, nem a sua própria, quem sabe.

Aquela determinação ecoava em Joelma congelando seus ombros. Na esperança de ainda o ver pela ladeira, desce a escadaria com rosas de mármore embuchados e sobe ao andar do seu aposento. Abre a janela, mas apenas solidão deslizava pelas pedras. Desiludida, vai ao encontro de Marcia.

— Não o vi e ainda fui informada sobre a data do meu enlace.

— Eu vi o acendedor, sussurra. Ele demorou mais que de costume. Procurava sem sucesso por você e saiu macambúzio.

As freiras chegam ao local, elas congelam o diálogo. Joelma emudece, mas com os olhos agitados pede ajuda. Conte comigo! Responde Marcia, no mesmo diálogo do olhar.

Domingo, 28 de fevereiro de 1858. A cidade amanhece agitada em decorrência do abusivo controle na venda da farinha de mandioca e da carne. Comerciantes portugueses, que exerciam uma espécie de monopólio na venda desses produtos, exploravam o povo.

Marcia acorda cedo e fica atenta às manifestações populares através da janela fechada, pois as freiras francesas impediam que abrissem.

De repente dor, um arranhão em sua face. Um erro de distância, quando a madre puxou sua orelha. — Não é hora de ouvir notícias!

Aparentemente contida, Marcia atende. Limpa o sangue do arranhão com suas mãos suadas de revolta e parte a falar baixinho ao ouvido de todas as internas, inclusive Joelma.

Os minutos passavam mais demorados que as horas. E eis que, ao cair da tarde, ao sinal de Dos Santos, todas as reclusas num som unísono das janelas da Santa Casa, gritam sem parar denunciando os maus-tratos recebidos. Os rapazes que estavam na região se prontificaram a socorrê-las invadindo o prédio. As freiras são levadas dali, mas a revolta tomou outras proporções com mais adeptos ao movimento.

Muita gente reunida, exalando protesto contra a carestia, começou a gritar palavras de ordem, “carne sem osso, farinha sem caroço”. Produtos, distribuídos pelos governantes, que além de caros eram de péssima qualidade.

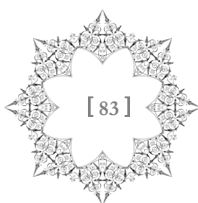
A multidão dirigiu-se ao palácio do governo e ocupou a Câmara Municipal. Adeptos subiram na torre e tilintaram o sino chamando a atenção e novos componentes ao movimento. Marcia, assistia a tudo com um sorriso que vencia a recente cicatriz e a tornava protagonista e testemunha de uma das mais interessantes histórias em Salvador.

Em resposta ao movimento subversivo, a tropa inclusive a cavalaria, ataca a multidão com baionetas e espadas, contudo o povo não se acovarda devolvendo com pedradas os ataques recebidos. Momentos de tensão, bravura e astúcia.

A Revolta das Recolhidas ou da Farinha, como alguns a chamavam, só serenou quatro horas depois ao cair da noite e com muitos chinelos na praça.

Nesta noite, em decorrência da manifestação, não houve movimento na Roda.

Em seu quarto com a janela aberta e deitada na cama de Joelma, Marcia gargalhava sozinha. Seus olhos fechados vislumbravam um casal sob as estrelas da liberdade, únicas responsáveis pela iluminação da Ladeira da Misericórdia.



APRESENTAMOS O CONTO

Lembrou de esquecer

Por Valeria Pagani

Valeria Pagani é escritora e leitora apaixonada desde a infância, nascida na Argentina e criada no Brasil, para onde seus pais fugiram durante a ditadura no Uruguai. Seu amor pela escrita começou cedo, mas foi na pandemia que publicou seu primeiro romance, "Mateus Matias, o pirilampo e o homem que escrevinhava". Suas histórias exploram temas sensíveis e instigantes, refletindo sua vivência multicultural e paixão pela literatura.



Passado um ano, a dúvida ainda ecoava em seus pensamentos. Éramos felizes. Por que alguém partiria se estava feliz?

Antônio abriu as portas do que havia sido o pequeno santuário dela. Os vestidos de paetê já não refletiam mais seu brilho. As plumas não faziam mais cosquinhas. Os sapatos, que eram tantos, já não pulavam para fora em um ritmo frenético até que o escolhido fosse encontrado. Nada mais de brilho. Nada mais de cor. Nada mais de luz. Nada demais. A inexistência de Sara era quase visível, sua ausência, agora, era uma mancha negra e viscosa que transbordava e inundava o quarto todo. Antônio respirou fundo. Podia sentir o perfume dela no ar, ficou sem respirar por alguns segundos tentando manter Sara dentro dele, não conseguiu, expirou. Fechou as portas do velho guarda-roupas com cuidado para não deixar escapar as poucas memórias que ainda lhe restavam.

Antônio andou em direção à cama, abriu o lençol, deitou na metade que lhe pertencia. A artrite se fez lembrar. Pegou o copo com água na mesa de cabeceira. Olhou por alguns segundos o porta retrato ao seu lado. Lá estava ela, banhada de sol, feliz e cheia de vida ao seu lado. Voltou a si. Abriu a caixinha de pílulas onde guardava um punhado generoso de remédios, todos minuciosamente separados nos dias da semana, havia remédios de todas as cores e tamanhos, só não havia nenhum para curar o vazio. Tomou a água. Apagou a luz. Fechou os olhos. Adormeceu.

Acordou com o sol invadindo o quarto. Cobriu os olhos com o braço. Sara sempre fechava as cortinas. Coçou a cabeça, bocejou. Sentou na cama. Colocou os chinelos e partiu para mais um dia. Tomou seu café. Podia ouvir o sussurro das ondas dançando na areia. A maresia se infiltrava em todos os cantos, como um convite ao oceano. Abriu a porta e pode ver a imensidão do mundo. A brisa do mar sempre o reanimava. Ouviu as gaivotas. Trancou a porta e saiu em direção à faixa de areia.

Haviam comprado a casa depois da aposentadoria. Era o sonho de Sara, morar em frente ao mar. Agora Antônio sonhava sozinho. Seguiu sua marcha de costume rumo ao mirante. Fez um aceno de cabeça para o rapaz que corria com o cachorro. Era engraçado aquele cachorro. Sempre carregando um graveto na boca. Antônio se distraiu encaixando seus pés nas pegadas que alguém havia deixado na areia. Que pés pequenos. E assim foi. Recolheu conchas. Acenou para estranhos. Ouviu as ondas. Sentiu a água em seus pés. Sempre em frente sem olhar para trás, até que algo chamou sua atenção. Em meio a areia, um objeto brilhante refletiu o sol. Andou em direção à luz. Abaixou-se

apoiado nos joelhos. Ah! Era só um caco de vidro. Um perigo! Podia cortar o pé de alguém. Guardou no bolso.

Sentiu uma sombra crescendo sobre ele. O sol estava sendo encoberto por alguém. Colocou a mão na frente do rosto tentando distinguir a figura. Caiu sentado na areia. Olhou para cima. O sorriso era inconfundível. Ela estendeu a mão e o ajudou a levantar. “Sara?!” Antônio sentia suas entranhas reviradas. Sentiu-se repleto de amor, sentiu-se aquecido, preenchido, feliz. Ele abriu os braços e envolveu a esposa num abraço sincero, como se desejasse que aquele momento durasse por toda a eternidade. Nada mais importava. Sara estava de volta. Conversaram por horas. Ele perguntando. Ela respondendo. Ele acariciando. Ela sorrindo. Ele amando. Ela retribuindo. Andaram até o mirante. “Boa tarde seu Antônio!” disse o vendedor de água de coco, Antônio respondeu com um aceno de mão. “Esse rapaz é sempre muito simpático, não é amor?”. Sara sorriu. Começaram a fazer o caminho de volta. Sara se despediu, disse que não podia ficar, mas se encontrariam todos os dias nas caminhadas. Antônio relutou, abriu a porta. Ao olhar para trás viu a figura de Sara distante, andando em direção à praia.

Antônio estava extasiado. Pleno. Aéreo. Revigorado. Mal havia percebido que já eram as quatro da tarde. Preparou algo rápido para comer. Se enfiou em algum livro qualquer, precisava acelerar o tempo, na varanda da casa a brisa começava a ficar fresca. Queria encontrá-la novamente no dia seguinte. As horas se arrastaram, Antônio teve a sensação de que o relógio da sala se derretia como nos quadros de Dalí. Tomou seu banho. Abriu o lençol do seu lado da cama. Havia esquecido de repor alguns dos remédios na caixinha. Só uma vez não vai fazer mal. Tomou os remédios que restavam. Mesmo tomado pela ansiedade, adormeceu.

Acordou com o sol invadindo o quarto. Era hora do encontro. Colocou o short. Esqueceu os chinelos. Não tomou café. Saiu em direção à areia. Como combinado, lá estava ela. Repleta de sol. Andaram juntos. “Bom dia Seu Antônio!”. Disse o homem que corria com o cachorro. O cachorro ainda corria engraçado, com graveto na boca, mas Antônio não percebeu, estava repleto de Sara.

No meio da tarde Antônio voltou para casa. Se despediram, ele beijou a mão da esposa, a pele dela ainda parecia tão macia quanto ele se lembrava. Amanhã seria um novo dia. Colocou a chave na porta e entrou sem olhar para trás. Comeu um pedaço de queijo velho que encontrou na geladeira. Do banho, nem lembrou. Colocou o pijama.

Esticou o lençol. Esqueceu de pegar água. Não ia adiantar mesmo, já não tinha mais remédios na caixinha. Adormeceu.

Os dias foram passando, repletos de amor e plenos de felicidade. Mas, estar com ela cobrava seu preço. A barba foi crescendo. O banho sendo esquecido. A artrite lembrada. A fome ausente. Mas, a alegria de ter Sara por perto amenizava tudo. Vivia para caminhar. Vivia para amar. Vivia por ela.

O toque do celular ecoou na casa vazia. Não levava mais ninguém para os passeios, só Sara. Em um desses dias, ao voltar do seu passeio, encontrou a filha esperando por ele. O que estava acontecendo? Não atendia mais o celular. E esse estado lamentável? Era só pele e osso.

“Encontrei sua mãe.” Antônio disse a frase com o mesmo tom tranquilo de quem dá uma notícia corriqueira. Impossível. Retrucou a filha com um olhar assustado. Precisava consultar um médico com urgência. Médico marcado. Exames. Ressonâncias. Exames. Tomografias. Exames. Consulta. “O Sr. Antônio apresenta um quadro inicial de Demência Senil.” O médico disse assim, de forma direta e clara, como se fosse uma simples gripe. A filha se desesperou. Antônio não acreditou. Não podia ser. Estava em perfeito juízo.

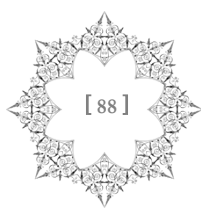
Foi muito claro. Não iria morar com os filhos. Tinha sua casa. Suas coisas. Seus compromissos. Nem pensar. E assim, sua vontade foi feita. Ficou em casa. O filho pagava uma enfermeira para cuidar do pai, a filha pagava os medicamentos e visitava todas as semanas. Com o passar dos dias, a medicação o trouxe de volta à realidade. Sara começou a faltar aos encontros. Passado algum tempo já não caminhava mais ao seu lado. Sem ela por perto, a sombra viscosa da solidão estava tomando conta da casa novamente.

Antônio passava os dias vagando pela casa. A artrite já não doía mais. Tinha quem lembrasse do horário dos remédios. A enfermeira era o seu algoz. O lembrava da hora do almoço. Do jantar. Do banho. E ele, só queria esquecer. Certo dia, vendo o vaivém das ondas, decidiu que preferia não lembrar. Bolou um plano. Guardaria os remédios na boca e quando o algoz não estivesse por perto, cuspiria. Plano posto em prática, resultado mais que satisfatório. Começou a esquecer. Suas caminhadas ficaram mais longas e Sara voltou a lembrá-lo de como era ser feliz. Ela, sempre cheia de sol.

Os médicos trocaram os medicamentos, tentaram novas terapias, novas enfermeiras. Mas, nada de lembrar. E assim foi, de esquecimento em esquecimento, com as enfermeiras lembrando por ele. No final, Antônio não se lembrava de nada, filhos, netos,

muito menos do cachorro com graveto. Mas de uma coisa ele não esquecia. Do amor que sentia por ela. Pediu para que fosse colocada uma cadeira ao lado da cama. A cadeira para Sara. Após cinquenta anos de casados, quem melhor para cuidar dele do que ela?

E assim ficou, sentada na cadeira. Conversou com ele, lhe deu carinho, amor e atenção. Segurou a mão dele até o último suspiro. Segundo contam os filhos, horrorizados, Antônio morreu ausente, mas com um sorriso no rosto.

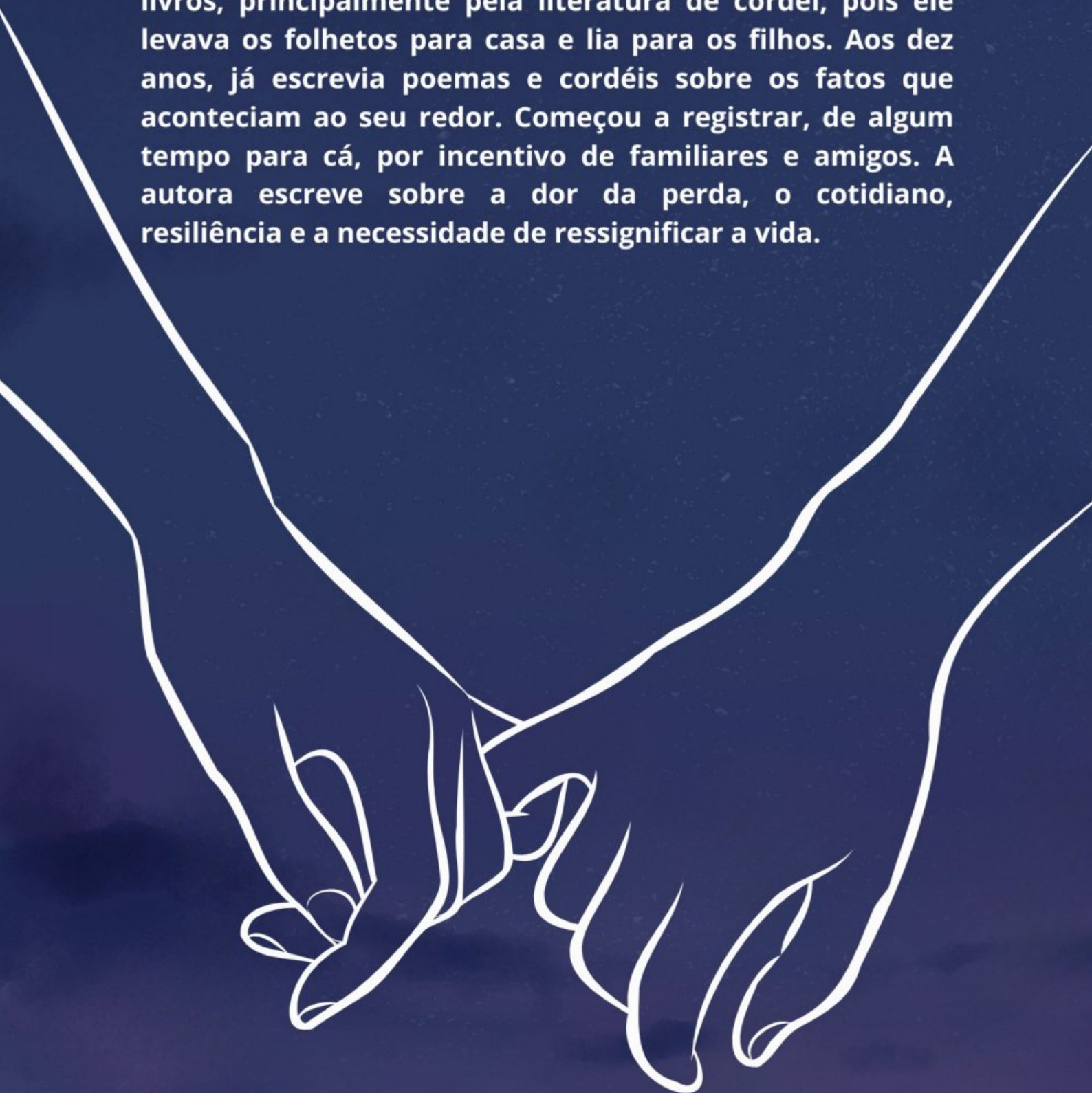


APRESENTAMOS O POEMA

Para sempre

Por Vera Ribeiro

Vera Ribeiro foi alfabetizada por seu pai Amado, aos cinco anos de idade e muito cedo demonstrou interesse pelos livros, principalmente pela literatura de cordel, pois ele levava os folhetos para casa e lia para os filhos. Aos dez anos, já escrevia poemas e cordéis sobre os fatos que aconteciam ao seu redor. Começou a registrar, de algum tempo para cá, por incentivo de familiares e amigos. A autora escreve sobre a dor da perda, o cotidiano, resiliência e a necessidade de ressignificar a vida.



Para sempre em meu coração
Guardo a lembrança do passado
Uma saudade que não passa
Um eco que nunca será apagado

No silêncio, ouço sua voz
Um sussurro que me faz sonhar
Com os momentos que passamos juntos
E que a mente se põe a relembrar

A dor da perda é um peso
Que carrega o meu peito machucado
Um vazio que não preenche
A ausência do meu filho amado

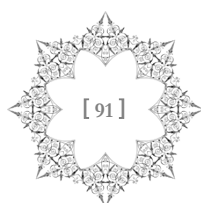
Mas em meio à dor e à saudade
Recordo momentos de alegria
Sorrisos, beijos, abraços, mãos dadas
Instantes de muita euforia

Nessas lembranças, encontro paz
Um conforto que me faz seguir
Mesmo na dor, há muita beleza
Em recordar, para poder prosseguir

O legado de nosso amor
Permanece em cada olhar
Em cada gesto, em cada palavra
Um amor que nunca morrerá

E embora estejamos distantes
Mantenho a esperança com paixão
De um reencontro, um abraço
Tão longe dos olhos, tão perto do coração

Talvez em sonhos, um dia talvez
Nos encontremos outra vez
E o amor que compartilhamos
Seja renovado, mais uma vez.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI